

# OXIGÊNIO

JUNHO 2025

o

NÚMERO 70



VENTAR O TEMPO,  
DE BRUNO LYFE

# EDITORIAL

## TODOS OS VENTOS DA ARTE

Junho começa bem para a arte: explodem, em nossa capa, a luz e a poética das obras de Bruno Lyfe, que emergem das profundezas da história não contada de um país que não enxerga e nem enxerga suas verdades, muitas vezes vergonhosas e repetidamente injustas. Por toda a exposição *Ventar o tempo*, em cartaz na Galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro, a alma escoar e se esvai em meio à luz forte de suas telas – que recompõem, com técnica apurada e percepção pessoal e inovadora, os avessos, as fraturas e as esperanças que permeiam a saga brasileira.

As telas de Bruno Lyfe refletem verdade, emocionam e colocam foco nos pontos exatos. Entre azulejos portugueses e elementos do subúrbio carioca de Ramos, onde nasceu e vive o artista, ergue-se o espírito da luta contra o silêncio do esquecimento, da falta de lugar para quem o ocupa mesmo a um custo quase insuportável: seres invisibilizados, apesar de construírem pontes diárias para a sobrevivência.

Bruno tem o dom de calibrar seus holofotes para as feridas sociais mais profundas, o insistente apagamento da história, o protagonismo e o legado das etnias formadoras de um país que tem o lastimável hábito de se renegar diariamente. Entre doçura, sentimento e lucidez, suas telas provocam, açoitam e iluminam ao mesmo tempo.

Além de *Ventar o tempo*, a OXIGÊNIO traz outros encontros importantes: *Cildo Meirelles: Percurso e Presença*, na Anita Schwartz/RJ; *Deixa Falar*, de Rogério Reis, na Galeria da Gávea/RJ; um passeio pela obra de Ed Atkins, direto da Tate Britain, em Londres; *Cazuza Exagerado*, no Shopping Leblon – e muito mais.

Boa leitura!

Capa: Bruno Lyfe, *Cavalgar contra a história para não sumir com ela* – foto: divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** Mary Del Priore propõe imersão sobre os bastidores da história do Brasil, em Paraty, RJ | *eXílio* | *Antes do Ano que Vem* | Teatro do Incêndio estreia *São Paulo Surrealista* em versão atualizada que confronta o conservadorismo | No CCBB RJ, *Três Histórias que Mudaram a História*

16

**MATÉRIA DE CAPA:** *Ventar o Tempo*, de Bruno Lyfe, na Anita Schwartz Galeria de Arta, RJ

23

Dia 14 Paço Imperial RJ inaugura exposições de Luiz Aquila, André Griffó, Amanda Coimbra e Alair Gomes

35

*Ancestral: Afro-Américas* no CCBB RJ

40

*Djanira – 110 Anos*

46

Exposição de Suanê na Galeria Estação, SP

49

*Terra na Claraboia*

52

*Deixa Falar*, exposição de Rogério Reis na Galeria da Gávea, RJ

56

*Cildo Meireles: Percurso e Presença*

63

*Contrapeso*, de Douglas Knesse, no Centro Cultural Correios, RJ

66

*Nossas Vidas Importam*

70

**DIRETO DE LONDRES:** Ed Atkins – O artifício como confissão

74

*Ruído Estelar*, na Nara Roesler São Paulo

77

World Press Photo 2025 chega a CAIXA Cultural do Rio com exposições dos 42 projetos premiados

81

*Cazuza Exagerado*



## Mary Del Priore propõe imersão sobre os bastidores da história do Brasil, em Paraty, RJ

Sob a condução da historiadora Mary Del Priore, autora de 53 livros e vencedora de diversos prêmios literários, a imersão "*Histórias Íntimas do Brasil*" promete revelar curiosidades e personagens do período imperial que vão muito além das páginas dos livros didáticos. O evento acontece entre os dias 26 e 29 de junho, na Pousada Literária em Paraty, uma das cidades mais relevantes do Brasil Colônia e porta de entrada do ciclo do ouro.

Ao unir esse território histórico ao olhar sensível de Mary Del Priore, a experiência se torna ainda mais potente – um convite para revisitar o Brasil Imperial de forma viva, sensorial e significativa. Narrativas instigantes e passeios pela atmosfera histórica de Paraty permitirão descobrir personagens, costumes e acontecimentos que moldaram o país.

*"Paraty é um livro aberto sobre o Brasil, onde cada esquina, cada construção, cada tradição carrega uma parte essencial da nossa identidade. Essa imersão será um convite para ler e reler nossa história de maneira mais humana, curiosa e envolvente",* explica Mary Del Priore.

Um encontro especial com o historiador Diuner Mello, figura central na preservação da memória local, é um dos destaques da programação: o historiador participará de uma conversa com Mary Del Priore sobre os marcos históricos e o papel de Paraty na construção da identi-

dade brasileira. Outro ponto alto do evento é a visita à Fazenda Bananal, um refúgio de história e natureza, onde será possível entender a construção do Brasil Colônia a partir de suas pequenas e grandes narrativas.

A programação terá início na tarde do dia 26 de junho, com um primeiro encontro introdutório. Nos dias seguintes, Mary Del Priore conduzirá debates sobre o Brasil Imperial, intercalando momentos de diálogo com convidados especiais e vivências nos cenários históricos de Paraty. Além das atividades conduzidas pela historiadora, os participantes terão momentos para vivenciar a gastronomia e a cultura locais, além de lojas e ateliês do centro histórico.

O pacote – com preços a partir de R\$ 9.790 – inclui três noites de hospedagem na Pousada Literária, as refeições previstas na programação, o transporte para a Fazenda Bananal e todas as atividades da imersão. Bebidas alcoólicas, transporte até Paraty e despesas pessoais não estão inclusos. O evento é organizado pela OCanto, empresa de turismo que propõe experiências de descobertas autênticas e de conexão profunda com os destinos – e, neste caso, com a própria história do Brasil.

### SERVIÇO

**Imersão "*Histórias Íntimas do Brasil*" – Mary Del Priore**

26 a 29 de junho

Pousada Literária de Paraty

[www.pousadaliteraria.com.br](http://www.pousadaliteraria.com.br)

Reservas pelo telefone (11) 2770-0237 ou pelo e-mail

[reservas@pousadaliteraria.com.br](mailto:reservas@pousadaliteraria.com.br)



Foto: Fernando Reis

## eXílio

*Coletivo Comum leva aos palcos os impasses das migrações contemporâneas. Com direção de Fernando Kinas, o espetáculo faz temporadas este mês no Teatro de Paulo Eiró e no Galpão do Folias, SP*

Mantendo a tradição de fazer teatro documental, o Coletivo Comum estruturou 30 cenas para dar conta da multiplicidade de abordagens referentes aos deslocamentos forçados de pessoas por conta de guerras, violações de direitos humanos, condições climáticas e perseguições de qualquer espécie. Os quadros são independentes; em cada um deles, o elenco apresenta diferentes dimensões que envolvem migração, refúgio

e exílio. Além das sessões, haverá ações para ampliar as discussões propostas pela dramaturgia.

A obra “eXílio” é mais um capítulo na ampla investigação do grupo sobre os desafios civilizacionais contemporâneos. “*Optamos por deixar o ‘X’ em caixa alta no nome do espetáculo para reforçar o tema da encruzilhada, do conflito e das oposições*”, afirma o dire-

tor Fernando Kinas, acrescentando a relevância dos debates diante dos conflitos na Palestina e na Ucrânia, e da posse de Trump nos Estados Unidos.

Ao se debruçar sobre a temática das migrações, a companhia decidiu ampliar a discussão, incluindo exílios dentro do próprio país, descrito pelo crítico literário Antonio Candido como o sentimento que algumas pessoas têm de não se sentirem representadas pelo seu país ou regime político, como no caso das ditaduras militares. Outro tema abordado é o exílio interno, já destacado por Ovídio no primeiro século da era cristã.

*“Estamos discutindo também o sentimento de não pertencimento a uma comunidade, mesmo dentro da sua própria cidade ou país. Há pessoas que se sentem exiladas de seu próprio corpo. Neste sentido procuramos fazer uma discussão ampla, incluindo questões que envolvem, por exemplo, a população LGBTQIAP+, que sofre todo o tipo de preconceito e violências”,* completa Kinas.

## SERVIÇO

### exílio

Teatro Paulo Eiró

Temporada: até 15 de junho, de quinta a sábado, às 20h30; aos domingos, às 18h

Av. Adolfo Pinheiro, 765, Santo Amaro, São Paulo / SP

Ingresso: gratuito

Debate após apresentação: 8 de junho

Convidadas:

Soraya Misleh (Palestina) e Hortense Mbuyi (Congo)  
Soraya Misleh é jornalista palestino-brasileira, mestre e doutora em Estudos Árabes pela Universidade de São Paulo (USP), autora do livro *“Al Nakba – um estudo sobre a catástrofe palestina”* (Ed. Sundermann). Coordena a Frente em Defesa do Povo Palestino-SP.

Hortense Mbuyi é advogada especialista em Direito Econômico e Social. Coordenadora Jurídica da comunidade Congoleza no Brasil, idealizadora do Espaço WEMA Cultura e Gastronomia Africana. Foi presidente do conselho

Municipal de Imigrantes de São Paulo na gestão 2021-2023. Integrante do Canal Fronteiras Cruzadas, é membro do Centro Internacional da Civilização Bantu (CICIBA) e participa do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades na USP.

Sessão com intérprete de libras: 13 de junho

### Galpão do Folias

Temporada: 19 a 30 de junho, de quinta a sábado, às 20h30; domingos, às 18h; segunda-feira (30/06), às 20h30

R. Ana Cintra, 213, Campos Elíseos, São Paulo / SP

Ingresso: gratuito

Debate após apresentação: 22 de junho

Convidado: Fabio Luis Barbosa dos Santos (América Latina)  
Fabio Luis Barbosa dos Santos – Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo. Professor do Programa de Pós Graduação Integração da América Latina (Prolam-USP). Pesquisador associado da Society Work and Politics Institute (SWOP), Universidade Witwatersrand, África do Sul, e do Centro Canadense de Estudos Latino-Americanos dos EUA, Escola de Estudos Internacionais, da Jawaharlal Nehru University, Índia. Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado no centro Genre, Travail, Mobilités, Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris (GTM-CRESPPA).

Sessão com intérprete de libras: 27 de junho

Duração: aproximadamente 140 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

Reserva: [circulacaoexilio@gmail.com](mailto:circulacaoexilio@gmail.com)

### Oficina de Canto com Roberto Moura

Dia 24 de junho (terça-feira), das 14h às 18h

Coletivo Comum – Teatro das Urgências

Rua Conselheiro Carrão, 288, Bela Vista, São Paulo / SP  
Gratuito

Inscrições: [circulacaoexilio@gmail.com](mailto:circulacaoexilio@gmail.com) / IG: [@coletivo comum](https://www.instagram.com/coletivo comum)  
Roberto Moura tem uma experiência de quatro décadas com técnicas vocais e de canto. Trabalhou em diversos países europeus, sobretudo na França, onde reside há 20 anos, e na África, especialmente Burkina Faso, onde realizou trabalhos e pesquisas.

[www.coletivo comum.com.br](http://www.coletivo comum.com.br)

## “ANTES DO ANO QUE VEM”



Foto: Divulgação

*No Teatro Copacabana Palace, comédia traz Mariana Xavier em múltiplas personagens para falar de saúde mental. O texto é de Gustavo Pinheiro; a direção, de Ana Paula Bouzas e Lázaro Ramos*

Durante um plantão de réveillon no Centro de Apoio aos Desesperados – CAD, a psicóloga responsável não aparece e Dizuíte, funcionária do local, resolve atender as ligações e auxiliar os pedidos de ajuda que surgem na Noite de Ano Novo. Este é o ponto de partida de “*Antes do Ano que Vem*”, monólogo cômico escrito especialmente para Mariana Xavier que interpreta várias personagens.

*“A peça se passa justamente na noite de Réveillon, quando há um aumento significativo no número de ligações com pedidos de ajuda. Datas como essa, de ‘felicidade obrigatória’, fazem aflorar ainda mais as emoções de quem não está lá muito satisfeito com a*

*própria vida”*, conta Mariana, que vem rodando o Brasil com a peça e levantando esse debate, além de espalhar uma mensagem de acolhimento e esperança.

A ideia é que o público olhe para as personagens sempre com compaixão e nunca com deboche. Gustavo Pinheiro diz que o texto busca o riso da empatia de quem também tem as suas dores e sabe que vivê-las e superá-las são parte do jogo. “*Torço para que este espetáculo seja um convite para que cada pessoa na plateia também pense o que pode fazer por si mesmo, pela sua felicidade, o quanto antes. Se possível, antes do ano que vem*”, diz o autor.

Foto: Divulgação



Lázaro Ramos, que assina a direção com Ana Paula Bouzas, fala sobre a importância do humor na peça. *“O humor abre portas para novas percepções do mundo. Vivemos num tempo em que rir é o primeiro remédio para as nossas mazelas. Com este texto e o grande talento de Mariana, damos um salto além no humor atual que fala das mulheres”.*

### SINOPSE

Escrito especialmente para a atriz, o texto de Gustavo Pinheiro flagra uma série de mulheres que se encontram em alguma situação-limite na noite da virada do ano. Enquanto a protagonista, Dizuíte, é uma funcionária da limpeza do local que só queria terminar o expediente e passar o réveillon com a família, as outras personagens se encontram em estados emocionais bem intensos.

É o caso de Telma, uma terapeuta em crise pessoal; Jusara, uma atendente de telemarketing exausta; Gracinha, uma anfitriã cujos convidados não aparecem em sua festa de ano novo; Maria de Lourdes, milionária falida que está prestes a executar um plano radical; Michele, uma adolescente que se sente invisível para os pais, e Tia Xinda, Tia de Dizuíte que fica a sua espera na noite de Réveillon. Enquanto as ligações se desenrolam, as histórias vão se descortinando para o público sem que Mariana faça uma mudança sequer de figurino ou cenografia. Os tipos vão ganhando vida no trabalho de corpo e de voz da atriz.

*“Antes do ano que vem”* é uma realização da Trampo Produções e da WB Produções, dos produtores associados Bruna Dornellas, Mariana Xavier e Wesley Telles. A peça conta com o patrocínio da Vivo e Norsul através da Lei Rouanet.

### SOBRE MARIANA XAVIER

Mariana Xavier iniciou a vida artística no teatro com apenas nove anos de idade. Projetada nacionalmente

com o filme *“Minha Mãe é Uma Peça”*, a carioca conquistou o carinho e o reconhecimento do público com sua personagem Marcelina. Na TV Globo atuou nas novelas *“Além do Horizonte”*, *“I Love Paraisópolis”* e *“A Força do Querer”*; foi repórter do *“Vídeo Show”*. No teatro, acumula no currículo 17 espetáculos. Seus trabalhos mais recentes no audiovisual são *“Doce Família”*, disponível na Netflix, e *“Missão Porto Seguro”*, no Prime Video.

### SERVIÇO

#### ***Antes do Ano Que Vem***

Até 13 de julho

*Teatro Copacabana Palace*

Av. Nossa Sra. De Copacabana, 261, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* quintas, sextas e sábados, às 19h30;

domingos, às 17h

*Vendas de ingressos:* online pelo site ou app da Sympla e na bilheteria do teatro durante a temporada, todos os dias de espetáculo 2h antes.

*OBS:* Nos dias 14/06, 27/06 e 06/07 não haverá apresentação do espetáculo.

*Gênero:* Comédia | *Classificação:* 12 anos

*Duração:* 65 minutos

*Acessibilidade:* Teatro com espaço acessível para cadeirantes e pessoas com dificuldade de locomoção.

Intérprete de libras em todas as sessões.

*Informações:* [wbproducoes.com](http://wbproducoes.com)

Foto: Divulgação





Foto: Kym Kobayashi

## Teatro do Incêndio estreia *São Paulo Surrealista* em versão atualizada que confronta o conservadorismo

*Sucesso no repertório da companhia, a peça questiona um mundo em ruínas. Para assistir ao espetáculo, o público precisa, invariavelmente, ir fantasiado ao teatro ou não será permitido seu ingresso*

*São Paulo Surrealista – Corpo Antifascista* é um ritual teatral dirigido por Marcelo Marcus Fonseca, que mergulha no surreal para retratar símbolos e fantasias de São Paulo. É uma ode à cidade e seus personagens, confrontando – em um jogo de imagens sobrepostas –

as contradições e fantasias da metrópole. O espetáculo fica em cartaz até o dia 15.

A peça, que cumpriu temporadas com ingressos esgotados em 2012, 2013, 2014 e 2019, retorna atualizada,

debochando da atual onda de conservadorismo, tendo no movimento surrealista a inspiração política de provocar as estruturas pela imagem poética. Claudio Willer (1940-2023) – escritor e poeta, com vínculos literários com a criação mais rebelde e transgressiva, como o surrealismo e geração *beat* – foi consultor da companhia para esse projeto. Willer será homenageado nessa versão 2025.

O espetáculo não conta necessariamente uma história. O que não significa que a peça não tenha uma dramaturgia sólida e uma linha narrativa. Para revelar a cidade real, nada é realista. Os textos são colagens emolduradas por imagens e figuras da metrópole, sejam elas reais ou distorcidas, tendo na música ao vivo um elemento essencial para traduzir sua pulsação.

Mário de Andrade, Roberto Piva, Pagu, nativos, cidadãos comuns, ninfas e animais recebem o surrealista André Breton, observado por Antonin Artaud (dramaturgo francês, surrealista), para um mergulho na capital paulista, percorrendo *Os Nove Círculos do Inferno* de Dante Alighieri.

*“Esta montagem propõe também que o espectador perceba a cidade pelos olhos de André Breton, um dos criadores do surrealismo, em um jogo que ressalta pontos turísticos, monumentos, terreiros, restaurantes e bairros paulistanos”,* explica Marcelo Marcus Fonseca. Ele destaca que o público precisa, invariavelmente, ir fantasiado ao teatro ou não será permitido seu ingresso: *“Como em um carnaval estendido, o público deve chegar ao teatro com figurinos para compor a plateia como personagem. Vale tudo”,* afirma o diretor, instigando os espectadores a usarem a criatividade.

Em cena estão 28 artistas, em uma celebração musical da cidade com alusões ao cinema de Pier Paolo Pasolini e Federico Fellini. Com base na escrita automática característica do Surrealismo, os textos elaborados du-

rante o processo têm a colaboração do elenco da primeira montagem. Todas as canções foram compostas por Marcelo Fonseca e Wanderley Martins especialmente para o espetáculo, algumas delas “em parceria” com Arthur Rimbaud e Charles Baudelaire.

## SERVIÇO

### **São Paulo Surrealista – Corpo Antifascista**

Até dia 15 de junho

*Teatro do Incêndio*

Rua Treze de Maio, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2609-3730

*Dias/Horários:* sábados e domingos, às 20h

*Ingressos:* R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia-entrada)

Venda online – Sympla:

<https://www.sympla.com.br/evento/sao-paulo-surrealista-corpo-antifascista/2932479>

Bilheteria: 1h antes das sessões

*Gênero:* Surrealismo | *Duração:* 70 min | *Classificação:* 18 anos

**Importante:** é obrigatório ao público ir com figurino (criação livre).



## No CCBB RJ, “TRÊS HISTÓRIAS QUE MUDARAM A HISTÓRIA”



Espectáculo *Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa*  
Foto: Rodrigo Vega



Espectáculo *Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo*  
Foto: Pedro Aceituno



Espectáculo *Fico*

Foto: Pedro Aceituno

*Inédita no país, trilogia latino-americana da Compañía Tryo Teatro Banda, de Santiago do Chile, fica em cartaz de 11 de junho a 6 de julho*

Com curadoria e coordenação geral do ator, diretor e produtor Julio Adrião (de *A Descoberta das Américas*), a obra dramaturgical e autoral do Tryo Teatro Banda tem como foco momentos e personagens da história latino-americana, apresentados em encenações onde a música, especialmente composta para cada es-

petáculo e executada ao vivo pelos atores, é o fio condutor das narrativas.

Dois dos espetáculos – “*Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa*” e “*Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo*” – serão apresentados em espanhol,

com legendagem e audiodescrição. O terceiro, *“Fico”*, será apresentado em português, com intérprete em Libras e audiodescrição. Todas as apresentações terão monitores capacitados para o atendimento do público PCD.

*“Três histórias que mudaram a história”* propõe rever momentos da formação dos povos latino-americanos, passagens e personagens históricos como Pedro de Valdivia, Fernão de Magalhães e D. Pedro I. Por meio de uma dramaturgia criada a partir de pesquisa exaustiva em documentação histórica, as encenações oferecem ao público a oportunidade de conhecer mais a fundo, e de forma crítica, passagens determinantes da história latino-americana como o dia do Fico.

Cada história é contada e vivida tendo a música como elemento fundamental desse processo. Com mais de 20 instrumentos e ao som das vozes dos elencos, a eventual necessidade de cenografia é reduzida, assim como efeitos de luz ou outras tecnologias. A principal característica estética das encenações do Tryo Teatro Banda é a do ator “juglar”, que em português poderia ser traduzido como menestrel ou trovador – aquele que usa a música autoral executada ao vivo, a poesia e o corpo como linguagens para o enriquecimento da comunicação, revisitando a história como elemento de diversão, emoção e reflexão profundos.

Durante a temporada serão realizadas três masterclasses (em datas a serem divulgadas) que irão apresentar o processo de criação do Tryo Teatro Banda, com a participação dos integrantes e do diretor artístico da companhia, Francisco Sanchez. O grupo tem mais de 25 anos de atividades em países da América Latina, Europa, Ásia e EEUU.

### A TRILOGIA

*“Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa”* (Chile, 2009)  
Espetáculo que percorre os primeiros anos da con-

quista do Chile, desde a chegada do capitão espanhol Pedro de Valdivia até a sua morte em 1553, tendo como fio condutor as cartas que o conquistador espanhol enviou ao rei da Espanha Carlos V. Três atores musicais relatam as dificuldades que o conquistador teve que enfrentar na sua tentativa de subjugar o povo originário Mapuche, e como a ambição o impedia de reconhecer a coragem e a inteligência da resistência indígena à invasão Hispânica. Com mais de 20 instrumentos musicais em cena, o trabalho alcança uma sincronidade perfeita entre música, teatro e história.



Espetáculo *Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa*

Foto: Rodrigo Vega

### *“Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo”* (Chile, 2020)

O português Fernão Magalhães lidera uma expedição espanhola que visa chegar às Ilhas das Especiarias, localizadas nas ilhas da Ásia-Pacífico. Navegando em direção ao oeste, busca uma passagem misteriosa pelo continente Americano, que ficaria na história como Estreito de Magalhães. Espanha e Portugal lutavam até a morte pelo controle das rotas oceânicas, enfrentando e desafiando todos os perigos – dos fenômenos da na-

tureza às traições. Lembrando os antigos menestréis, a Compañía Tryo Teatro Banda conta essa história que, curiosamente, inclui o primeiro (e trágico) encontro entre marinheiros estrangeiros e os habitantes nativos do sul do Chile.



Espectáculo *Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo*

Foto: Pedro Aceituno

### “Fico” (Chile, 2021)

O espetáculo mostra o jovem carismático e temperamental Príncipe Regente português Pedro, às vésperas de sua decisão mais importante: permanecer no Brasil, tornando-o um país livre, ou regressar a Portugal, deixando o Brasil como colônia. O ano é o de 1821 e o então jovem chileno Vicente Pérez Rosales é testemunha real e casual dos acontecimentos. Na versão da Compañía, se torna amigo íntimo de Pedro, sem saber que ele era o próprio príncipe. Rosales, então, vira confidente de um homem dividido entre seu espírito liberal e seu caráter autoritário.

### OS MENESTREIS DO SÉCULO XXI

A Compañía Tryo Teatro Banda é um grupo de teatro independente e itinerante fundado em Santiago, Chile, em 2000, com três objetivos principais: criar produções



Espectáculo *Fico*

Foto: Pedro Aceituno

de autores e/ou temas chilenos, fazer turnês por locais pouco conhecidos e combinar artes cênicas com literatura e música original ao vivo. Ao longo do caminho, percebem que os estudantes são públicos-alvo extremamente importantes, e se propõem a trabalhar dramaturgicamente com episódios fundamentais da história do Chile e da América Latina, sustentados por uma pesquisa exaustiva sobre as origens da nossa identidade mestiça.

Com turnês realizadas por todo o Chile e países como Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Brasil, Equador, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, México, Peru, Uruguai e, mais recentemente o Japão, o Tryo Teatro Banda vem colecionando prêmios, entre os quais, o do Círculo de Críticos do Chile, da Associação de Jornalistas de Entretenimento, o prêmio de dramaturgia da Fundação José Nuez Martí e da Faculdade de Letras da UC. Em 2010, Francisco Sánchez, fundador e diretor da companhia, recebeu a Medalha do Centro Latino-Americano de Criação e Pesquisa Teatral (CELCIT) por suas contribuições ao teatro ibero-americano.

Desde a sua criação, o Tryo Teatro Banda tem o compromisso de superar as barreiras de acesso cultural que afetam muitas comunidades e segmentos de público.

## SERVIÇO

**“Três histórias que mudaram a história”**

**Trilogia latino-americana da Compañía Tryo Teatro Banda, de Santiago do Chile**

*“Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa”*: de 11 a 22 de junho, quarta a sábado às 19h e domingo às 18h  
Apresentado em espanhol com legendagem e audiodescrição.  
*Classificação*: 12 anos | *Duração*: 75 min

*“Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo”*: de 25 a 29 de junho, quarta a sábado às 19h e domingo às 18h  
Apresentado em espanhol com legendagem e audiodescrição.  
*Classificação*: 12 anos | *Duração*: 55 min

*“Fico”*: de 2 a 6 de julho, quarta a sábado às 19h e domingo às 18h  
Apresentado em português com intérprete de LIBRAS e audiodescrição.  
*Classificação*: 12 anos | *Duração*: 60 min

*Além de legendagem, audiodescrição e intérprete de LIBRAS, todas as apresentações terão monitores capacitados para o atendimento do público PCD.*

*Centro Cultural Banco do Brasil Teatro III*

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ  
(21) 3808-2020 | [ccbbrrio@bb.com.br](mailto:ccbbrrio@bb.com.br)  
*Valor do ingresso*: R\$ 30 (inteira) e R\$15 (meia-entrada)  
Ingressos adquiridos na bilheteria do CCBB ou antecipadamente pelo site [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)



Espectáculo *Pedro de Valdivia: la gesta inconclusa*

Foto: Rodrigo Vega



Espectáculo *Magalhães a 500 años de la primera vuelta al mundo*

Foto: Pedro Aceituno



Espectáculo *Fico*

Foto: Pedro Aceituno



*Em silêncio  
sentindo o  
que não foi  
dito*

Foto: Divulgação

# “VENTAR O TEMPO”, DE BRUNO LYFE, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ

*Pinturas inéditas do artista carioca questionam protagonismos e subvertem a história a partir de símbolos coloniais e memórias invisibilizadas*

A exposição *Ventar o tempo* reúne 12 pinturas inéditas, produzidas neste ano por Bruno Lyfe. Nos trabalhos o artista tensiona a memória como território simbólico e político, subvertendo referências da história para reescrever narrativas silenciadas. *“Esse projeto busca o encontro com a autoimagem e a reescrita de nossas histórias, abrangendo um legado imagético que desejamos conjurar”*, resume Lyfe.

A dinâmica da memória, a pintura equestre e a azulejaria barroca portuguesa são os três eixos da atual pesquisa do artista, que pautam o conjunto de pinturas selecionado para a exposição. As obras exploram um repertório iconográfico com narrativas de vida e corpos sub-representados no decorrer de uma história da arte eurocentrada e embranquecida. *“Minha obra será uma reconquista da imagem, um mecanismo de recom-*

*A margem não alcança o que salta*

Foto: Divulgação





*Ponte entre o chão e o céu*

Foto: Divulgação

*posição que promove paridade e reconhecimento identitário, abrangendo diversos fenótipos e dando voz a histórias que precisam ser contadas", afirma.*

*"O Bruno tem uma maneira muito particular de produzir e pintar, que dialoga profundamente com sua geração, com o momento político nas artes visuais e com artistas que vieram antes dele e ajudaram a constituir*

*o que entendemos como história da arte brasileira. É uma geração comprometida com a revisão das narrativas históricas", comenta a pesquisadora, artista e professora Lorraine Mendes, atual curadora da Pinacoteca de São Paulo, que assina o texto crítico da exposição.*

Segundo a galerista Anita Schwartz, *"Bruno Lyfe é um artista que projeta o futuro"*. Ela conta que Lyfe desta-



*Seguimos brincando*

Foto: Divulgação

cou-se entre os mais de 700 artistas brasileiros e estrangeiros inscritos na edição 2024 do GAS, projeto realizado pela galeria com a intenção de promover novas vozes da arte contemporânea. *“Seu trabalho conquistou reconhecimento internacional, com aquisição pelo Pérez Art Museum Miami, e representa com força poética e rigor formal as narrativas periféricas brasileiras”*, conclui.

Aos 34 anos, Bruno Lyfe desenvolve uma produção marcada pelo uso expressivo da cor e pela construção de composições densas e fragmentadas. Em suas pinturas, camadas de tinta e imagens sobrepostas criam uma espécie de colagem – resultado de um processo criativo que parte de uma intensa coleta de referências visuais, especialmente de um arquivo pessoal de fotografias do cotidiano. *“Gosto de montar as imagens*

*como quem organiza fragmentos de memória e realidade”*, afirma o artista. *“O dia a dia no ateliê é muito sobre experimentar, ajustar e escutar o que a pintura pede. É onde consigo, de forma concentrada, transformar vivências em pintura”*.

Essas vivências aparecem com força na obra de Lyfe, nascido e criado em Ramos, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Elementos presentes no cotidiano do subúrbio carioca – como caixas d’água, cadeiras de plástico e cobogós (tijolos vazados) – ganham protagonismo como símbolos de uma cultura visual frequentemente marginalizada. A valorização da estética periférica também se manifesta na paleta vibrante de suas telas, influenciada pelo grafite, linguagem que marcou o seu início nas artes, em 2009, e funcionou como primeira escola. Mais tarde, Lyfe aprofundou sua formação acadêmica em pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ e no Parque Lage, ampliando seu repertório técnico e conceitual, e consolidando uma linguagem capaz de transitar pelo circuito institucional e pelo mercado de arte.

*Ventar o tempo* amplia o seu percurso ao reunir 12 trabalhos que reafirmam sua pintura como instrumento de disputa simbólica no campo da história da arte. Ao incorporar referências como o gênero equestre e os azulejos barrocos portugueses – ícones da tradição colonial – o artista desloca símbolos de poder para novas leituras. *“Subverter essas referências é ressignificar símbolos e reivindicar espaços para narrativas que sempre existiram, mas foram historicamente silenciadas”*, afirma.



Díptico *Anjos e dança*

### FIQUE DE OLHO

Entre os destaques da exposição está a obra *Em silêncio sentindo o que não foi dito* (180x135 cm), inspirada na estátua equestre de D. Pedro I, instalada na Praça Tiradentes, no centro do Rio. Primeiro monumento público do país, foi erguido em um momento de crise do Império como tentativa de reafirmação de poder. O que chama a atenção de Lyfe, no entanto, não é a figura central, mas os elementos quase invisíveis da base: alegorias dos povos originários associadas aos principais rios do Brasil, que seguem à margem da narrativa oficial.

*“Essa pintura tem um significado especial para mim, porque sintetiza bem o que essa mostra representa – especialmente a reflexão sobre a dinâmica da memória”*, afirma o artista. *“Ao trazer essas figuras indígenas*



Fotos: Divulgação

*para o centro da cena, busquei deslocar o foco da narrativa de poder e questionar como certos corpos e histórias são relegados ao plano de fundo. É uma obra sobre reverter hierarquias visuais e pensar quem são os verdadeiros protagonistas quando falamos de território e memória”*.

Esse gesto de inversão aparece também em *Cavalar contra a história para não sumir com ela* (220x160 cm) – capa desta edição – e *Eu sou a volta por cima* (177x135 cm), em que meninos negros montados a cavalo ocupam o lugar antes reservado a heróis da história oficial. Nos trabalhos *Ponte entre o chão e o céu* (180x180 cm), *A margem não alcança o que salta* (250x180 cm), *Seguimos brincando* (180x135 cm) e no díptico *Anjos e dança* (180x180 cm, executado em acrílica e óleo sobre



*Estamos aqui, como quem guarda o que ainda resta*  
Foto: Divulgação

madeira recortada), os corpos infantis dançam, brincam e, eventualmente, voam. O movimento dos corpos também está presente na obra *Estamos aqui, como quem guarda o que ainda resta* (180x135 cm), em que mulheres em trajes de baiana avançam no mar, em direção às caravelas portuguesas.

Sob os ecos da repercussão gerada pela integração da obra da série *Look Mom, I Can Fly* ao projeto arquitetônico da casa da cantora Anitta, *Ventar o tempo* marca um desdobramento relevante na carreira de Lyfe. “É um momento importante, pois representa uma nova

etapa na minha trajetória, com a oportunidade de apresentar um corpo de obras mais amplo e consolidado”, comentou o artista em entrevista à Casa Vogue, em fevereiro deste ano.

### SOBRE BRUNO LYFE

Bruno Lyfe (Rio de Janeiro, 1991) vive e trabalha em Ramos, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. Seu primeiro contato com o campo das artes ocorreu no final da adolescência, quando foi introduzido ao graffiti. Esse encontro inicial despertou seu interesse e o levou a buscar qualificação e aprofundamento no universo artístico. Frequentou os cursos de Concepção e Fundamentação na EAV do Parque Lage entre 2012 e 2013. Posteriormente, formou-se em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ em 2018 e, em 2023, concluiu sua formação na Elã, escola livre de Artes do Galpão Bela Maré.

Sua prática artística possui uma linguagem plástica marcada pela imposição da linha e da forma, combinada a intensos cromatismos, sobreposições e justaposições de elementos. Esses recursos criam uma multiplicidade de acontecimentos em que figura e fundo se transbordam, resultando em obras que evocam uma estética de colagem. As composições de Bruno são cuidadosamente planejadas, editadas e fragmentadas, construídas por meio de camadas, enquadramentos e acúmulos.

A figuração ocupa o centro de sua prática artística, sendo o ponto de partida para suas explorações visuais. Bruno Lyfe tateia questões figurativas, trabalhando na edição e construção de imagens que elaboram cenários

complexos e figuras que mimetizam o espaço. Suas cenas, frequentemente situadas no limiar entre o corriqueiro e o irreal, revelam uma sofisticação técnica ímpar. Esse domínio se manifesta na construção imagética detalhada, com uma paleta de cores vibrante que dialoga com o estilo Pop, mas que finca suas raízes retóricas na periferia onde vive e na história que o molda.

Seu trabalho é uma narrativa visual que reflete tanto as vivências do cotidiano quanto as nuances de sua experiência no subúrbio carioca, ressignificando elementos locais em produções que equilibram sensibilidade artística e profundidade simbólica.

### SERVIÇO

#### *Ventar o Tempo, de Bruno Lyfe*

Até 5 de julho

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30,  
Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2540-6446 / 99603-0435

*Dias/Horários:*

segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 12h às 18h

<https://www.anitaschwartz.com.br/>



*Cenário, presença e voz*

Foto: Divulgação

A partir do dia 14, mostras de Luiz Aquila,  
André Griffo, Amanda Coimbra e Alair Gomes,  
no Paço Imperial, RJ



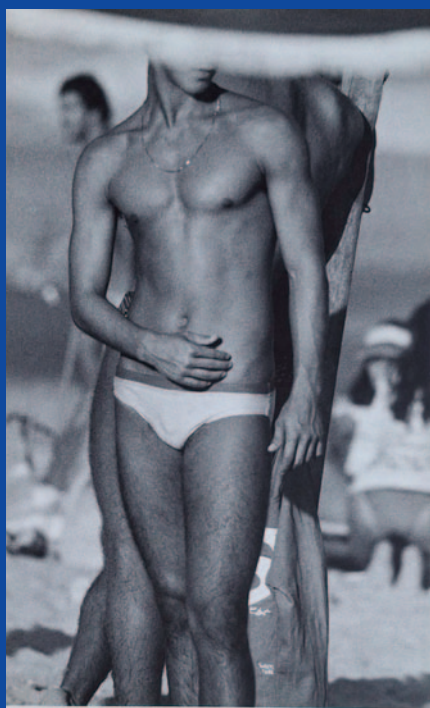
Luiz Aquila, *A Pintura bem na fita*, 2025

Foto: Divulgação

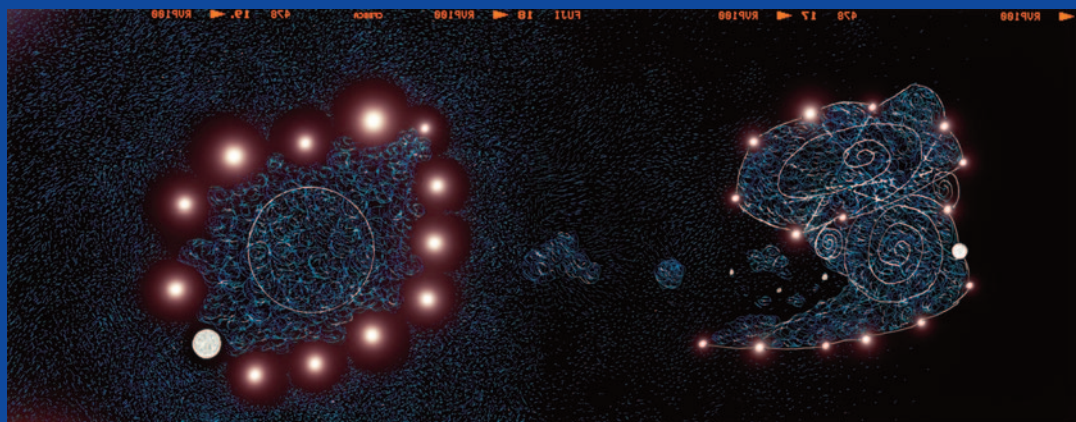


André Griffo, *Altar Marajoara*

Foto: Edouard Fraipont



Alair Gomes,  
*Beach Tryptich n° 1*



Amanda Coimbra, *Ainda hoje, a criação de mundos continua*

## LUIZ AQUILA – “PANORAMA DO ATELIÊ”

*O artista ocupa três salas no Paço Imperial, sob curadoria de Lauro Cavalcanti, reunindo cerca de 60 trabalhos recentes, entre pinturas, desenhos e gravuras*



Luiz Aquila, *A pintura e a história em quadrinhos*, 2024

Foto: Divulgação

O título da mostra é fiel à intenção do curador Lauro Cavalcanti de propor ao público pelo menos um pouco da experiência prazerosa e inesquecível de conhecer o processo criativo de Luiz Aquila. Logo na entrada, uma foto em preto e branco ampliada do ateliê do artista dá o tom do que virá a seguir. Com projeto expográfico de Ana Luisa Dias Leite, *“Panorama do ateliê”* ocupa três

salas do edifício histórico, tendo um espaço para alguns desenhos menores, que estarão dispostos em vitrines de vidro. A exposição faz o recorte de uma década de produção, com seleção de obras quase todas inéditas: 30 pinturas de médios e grandes formatos, mais de 15 gravuras e 18 desenhos em papel que tiveram a superfície modificada, interferida pelo artista.



*A pintura, o azul e linhas submersas, 2024*

Foto: Divulgação

*“Durante algum tempo mantive ateliê numa casa eclética do final do século XIX, que pertencia à minha família. Anos depois, quis ter um ateliê próprio novamente e resolvi ocupar o espaço no térreo do prédio onde eu moro em Petrópolis, que foi totalmente adaptado para atender a essa nova função. E eu me apropriei tanto desse ateliê, que cada vez que pingava tinta no chão, o que sempre aconteceu com frequência, eu continuava essa pintura e dava uma forma a ela. Lá aconteceu uma retomada dos quadros maiores. Quando o Lauro esteve me visitando, em 2023, teve a ideia de fazer essa exposição no Paço, como uma continuação do novo ateliê. Por isso a exposição tem o nome ‘Panorama do ateliê’, apresentando uma seleção de 30 pinturas recentes”, diz Luiz Aquila.*

Vale destacar que a produção do artista tem estado muito acelerada. Em julho deste ano, haverá outra individual de Aquila: *“A Escolha do Artista”*, na Galeria Patrícia Costa, que estará em cartaz simultaneamente.

#### **A ESCRITA da PINTURA (por Lauro Cavalcanti)**

Esta exposição de Luiz Aquila, *“Panorama do Ateliê”*, apresenta pinturas, desenhos e gravuras, em sua maioria inéditas, realizadas nos últimos dez anos deste século XXI.

O ateliê é o seu local de ação e a pintura o campo a ser explorado. O desenho, na sua definição, assemelha-se ao dedilhar de um músico deixando sons aleatórios prontos a lhe mostrar caminhos de harmonia e composições que irão quase sempre desaguar em telas. Numa direção inversa, gravuras em grande formato exploram temas com origem pictórica, além de possuírem os atrativos especiais naquilo intrínseco à sua artesanaria.

Em *“Quase Tudo”*, sua retrospectiva no mesmo Paço Imperial em 2012, vi-me tentado a escolher o subtítulo *“Never Ending Tour”* emulando o nome encabeçando todas as apresentações de Bob Dylan. Nelas, além de músicas novas, há sempre o exercício de dar constan-

temente versões novas a clássicos muitas vezes apenas reconhecíveis por algumas palavras de suas letras. O conceito de um som único e totalizante, em permanente movimento, é um dos modos pelos quais o bardo de Minnesota expressa a “Zeitgeist” da virada dos séculos XX e XXI.

Voltando ao Luiz Aquila, parece-me que um procedimento similar lhe norteou nos múltiplos ateliês ao longo de sua trajetória. Todas as suas telas são nomeadas principiando pelo termo “A pintura”. A partir daí alternam-se referências a pequenos fatos do cotidiano, citações a pessoas de seu círculo, uma notícia do dia, fatos aleatórios... Os nomes, propositalmente, raramente descrevem a obra em si reafirmando a sua irredutibilidade. Um dos títulos desses novos trabalhos chamara-me atenção: “A Pintura e o seu Picadeiro continuam”. Um jeito de afirmar a continuidade ao lado de uma certa imprevisibilidade de suas ações: um território que pode ser de lutas, divertimento, ironias, heróis, “clowns” e surpresas.

É possível traçar tipologias e agrupamentos no seu trabalho recente. Nalgumas uma cor explode e domina o campo, sobrepondo-se, ou melhor, definindo embates das pinceladas, todavia, ainda visíveis. De certo modo é o minimalismo possível para uma abstração gestual na qual um tom tudo passa a dominar. Podemos pensar numa família composta pelas telas “A pintura e a pergunta da pintura”, com paleta privilegiando o sombrio, “Novo Desenho antigo” e “Pintura para Manitas del Plata” ambas dominadas por tons vibrantes de rosa, magenta e amarelo.



*A pintura e suas Bacantes, 2023*

Foto: Divulgação

“A Pintura e as velhas paredes” apresenta uma rara referência direta à arquitetura tema dominante de sua formação, não fosse ele filho de Alcides da Rocha Miranda, um dos mais sensíveis arquitetos da era de ouro do movimento ca-rioca de construções. Formas egresas diretamente do vocabulário modernista, tratadas com alegria desconstrutiva, apresentam o trio “A pintura e seu idílio”, “A Pintura e suas Bacantes” e “A Pintura para meninos e meninas”. A eletricidade disruptiva rompe a organização estrutural em “A Pintura sob a Lava” tal uma avalanche inevitável que a existência por vezes nos prega.

“A Pintura, o azul e linhas submersas” traz a novidade de linhas horizontais delimitando áreas de cor e uma diagonal que procura, em vão, entrar na conversa. Pode-se perceber um artista revisitando lógicas antes exploradas assim como criando pujantes desafios.

Em resposta à “Pintura admirada por seu autor” impõe-se o rico fruir dos visitantes ao desvendar o panorama de seu ateliê que poderia ser expresso por “As pinturas e seus encantos nos espectadores”.



*Natividade*

Foto: Rafael Salim

## ANDRÉ GRIFFO – “ALTO BARROCO”

*Artista realiza sua primeira exposição individual em uma instituição no Rio de Janeiro, reunindo seus 14 anos de produção*

Com curadoria de Juliana Gontijo, a mostra apresenta mais de 50 obras, entre pinturas e instalações, muitas delas inéditas. “A ideia é mostrar um panorama do que

o artista vem fazendo, mas não apresentar de modo cronológico, principalmente porque muitas de suas séries, além de atravessarem vários anos, também ter-

*minam tendo algum tipo de comunicação, de relação entre elas”, conta a curadora que acompanha há mais de 10 anos o trabalho do artista.*

A exposição, dividida por temas, relaciona obras produzidas em diferentes épocas da trajetória do artista, apresentando trabalhos importantes como *“Back to Olympia”* (2017), *“Sala dos provedores”* (2018), *“O Vendedor de miniaturas”* (2021) e *“Instruções para administração de fazendas 2”* (2018), além de duas pinturas produzidas especialmente para a exposição e outras pertencentes a coleções particulares nunca antes expostas ao público.

*“Griffo é muito conhecido pelas pinturas em grandes dimensões. Por isso, a ideia foi também trazer outros*

*suportes, técnicas e materialidades com os quais ele trabalha – que talvez sejam menos conhecidas ou menos referenciadas. Não se trata de uma exposição de pintura tradicional”, afirma a curadora.*

Formado em Arquitetura e Urbanismo, Griffo iniciou sua produção no campo das artes visuais criando composições em que máquinas e estruturas mecânicas dividiam espaço com fragmentos de corpos – sobretudo de bois e porcos – em cenas densas, impregnadas de signos de violência e morte. A partir de 2014, o artista desloca seu foco para uma investigação pictórica em que a arquitetura, representada com precisão técnica, assume papel central, com pouca ou nenhuma presença humana. Nas obras mais recentes, Griffo revisita obras fundamentais da história da arte, apropriando-se de



*Instruções para administração de fazendas 2, 2018*

Foto: Rafael Adorján

seus repertórios visuais para tencionar episódios históricos em que religião, poder e violência se entrelaçam.

A pintura de André Griffo articula crítica e reverência, numa linguagem barroca que reivindica o excesso como estratégia discursiva. Através de suas pinturas, o artista faz uma contundente crítica social, abordando questões de poder, religião, questões raciais, política etc. *“O tema central do meu trabalho é a religião e como ela vem sendo usada como uma ferramenta de controle desde o Brasil colonial até a união das milícias com algumas igrejas evangélicas para dominar áreas na cidade”*, conta o artista.

### PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

Logo ao entrar no Paço Imperial, no pátio, o público encontrará a grande instalação *“Predileção por alegorias – andaimes”* (2015), que tem 7,5 metros de altura e 4,5 metros de comprimento. Composta por andaimes de ferro utilizados na construção civil, as estruturas possuem arcos de ogiva (ornamento gótico). *“A ideia foi fazer um contraponto da arquitetura moderna com a arquitetura gótica. Naquele momento eu ainda não falava de religião, mas estava com um interesse especial nos arcos ogivais, então inseri esses elementos em andaimes, que são objetos estritamente funcionais. A obra trata de dois momentos da arquitetura, comparando forma e função: o gótico, com arcos que são símbolos da difusão do cristianismo, e o modernismo, com seu purismo funcional”*, conta Griffo. Ele ressalta ter sido essa a primeira obra em que inseriu elementos religiosos, sem saber, naquele momento, que este se tornaria o principal tema de sua prática artística nos anos seguintes.

Na primeira sala, estarão as pinturas *“Um altar consagrado”* e *“Base para crucificação”*, que fazem parte da nova fase abstrata do artista. Neste mesmo espaço estarão *“Barroco Vazio”* (2014) e *“Back to Olympia”* (2017), na qual, pela primeira vez, o artista tece uma crítica social através da pintura, prática que continuará em outras obras. Partindo da tela *“Olympia”* (1863), de Manet, André Griffo dá destaque à figura da serviçal negra, que não estava em evidência na pintura original.



*Base para crucificação*

Foto: Rafael Salim

Nas salas seguintes estão as obras montadas como uma composição, com a ideia de camadas, criando uma perspectiva, com obras no centro da sala e pendendo do teto, com temas que têm relação com a religiosidade e com a história da pintura. Ocupam também este espaço as obras da série *“A supressão do santo pelo ornamento”* (2018), feitas em madeira, que serão penduradas a partir do teto, dando a ideia de estarem flutuando na sala. *“O poder e a glória do pecado”* (2019), que mede 2,90x 2,90m, e o retrato do Papa Inocêncio X também estão na mesma sala.

No segundo andar, estarão obras do início da trajetória de Griffo, que tem a ver com as máquinas e os corpos, além de alguns estudos em que aparece o interesse pelo arco gótico e a relação com a arquitetura. “*O vendedor de miniaturas*” (2020) é uma das obras que estará neste espaço. “*É um trabalho no qual eu falo sobre questões mais contemporâneas, sobre o uso da religião como ferramenta de poder, que é a união de algumas igrejas neopentecostais com milicianos, políticos e pastores evangélicos que dominam áreas do Rio de Janeiro*”.

### SOBRE O ARTISTA

André Griffo (Barra Mansa, 1979. Vive e trabalha no Rio de Janeiro). Entre suas principais exposições individuais destacam-se: *Exploded View* (Galeria Nara Roesler, Nova York, 2023); *Voarei com as asas que os urubus me deram* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, 2022); *Objetos sobre arquitetura gasta* (Centro Cultural São Paulo, 2017); *Intervenções pendentes em estruturas mistas* (Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2015). Possui obras em importantes coleções públicas e privadas, entre as quais, Denver Art Museum; Kistefos Museum (Noruega); Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro); Museu da Fotografia (Fortaleza, CE); Instituto Itaú Cultural (São Paulo) e Instituto PIPA (Rio de Janeiro).

### SOBRE A CURADORA

Juliana Gontijo (Rio de Janeiro, 1980) é curadora, pesquisadora e professora adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É doutora em História e Teoria das Artes pela Universidad de Buenos Aires, com formação em Estudos Cinematográficos (Université Sorbonne Nouvelle) e em História da Arte e Arqueologia (Université Le Mirail). É autora do livro *Distopias*

*Tecnológicas* (Ed. Circuito, 2014), vencedora da Bolsa de Estímulo à Produção Crítica da Funarte. Realizou curadorias em instituições como Centro Cultural Banco do Brasil, Casa do Povo, Centro Cultural São Paulo, Paço das Artes, Centro Cultural Parque de España (Argentina). Entre seus projetos recentes, destacam-se *Baile Circular* (MUNTREF, Buenos Aires, 2024), *Manto em Movimento* (Casa do Povo e MAC USP, São Paulo, 2023), e *Cildo Meireles: Cerca de Lejos* (Centro Nacional de Arte Contemporáneo Cerrillos, Santiago, Chile, 2019).



*Jesus e seu projeto teocrático para os anos 2000*

Foto: Rafael Salim

## AMANDA COIMBRA – “LUZ ESTELAR ECOANDO”

*Tendo como referência imagens do telescópio espacial James Webb, da NASA, artista apresenta obras inéditas em diferentes suportes*



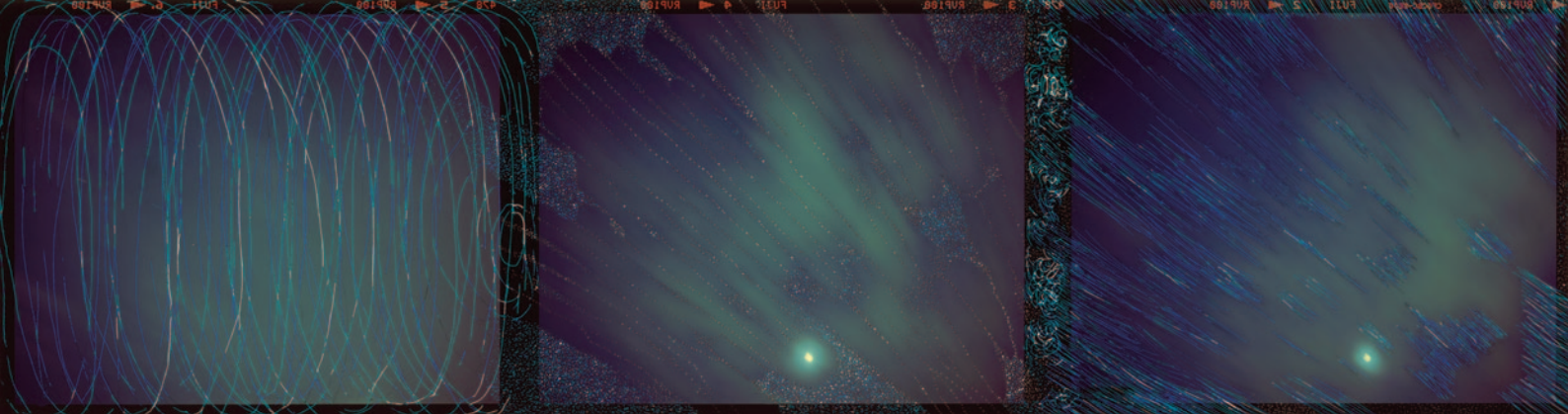
*A nuvem também sonha*

As incríveis imagens feitas pelo telescópio espacial James Webb, da NASA, foram a inspiração para a artista criar as 35 obras da exposição. Com curadoria de Natália Quinderé, os trabalhos são exibidos em diferentes suportes, como fotografias, caixas de luz, vídeo e instrumentos ópticos variados. Na sala expositiva, uma luz mais baixa, difusa, cria um ambiente escuro, contemplativo e estelar.

*“A ideia é que a pessoa tenha uma imersão nesse cosmos, que é concreto e fictício ao mesmo tempo. Cada um pode ver e imaginar seu próprio universo, através de dispositivos que não são mais tão usuais, como o filme fotográfico, o monóculo e o retroprojetor. A intenção é se reconectar, voltar a olhar para as coisas de uma maneira mais lenta, ter essa pausa para imaginar o espaço”, afirma a artista Amanda Coimbra.*

Para realizar os trabalhos, Amanda fotografa o céu de forma analógica, usando uma câmera Rolleiflex. Com as imagens prontas, ela faz interferências no filme slide com objetos pontiagudos, em geral compassos, desenhando planetas, estrelas e elementos cósmicos na superfície da película. O resultado surpreende e o espectador precisa trabalhar sua percepção para entender o que é real e o que foi criado pela artista.

As imagens são expostas de formas variadas. Muitas delas em caixas de luz, com fotogramas em sequências, que criam uma narrativa. Três dos fotogramas foram impressos em tamanho 64x80 cm. Há, ainda, um vídeo feito a partir de animações das obras da artista, que leva o espectador a uma viagem pelo espaço. Completam a mostra imagens expostas em 10 dispositivos ópticos variados, como monóculos, lupas e retroprojetor.



## Uma breve história do tempo

Amanda Coimbra iniciou a pesquisa sobre a fotografia e o céu há cerca de 10 anos, mas os trabalhos inéditos apresentados na exposição ganham novos desdobramentos. Se antes a artista realizava as intervenções no fotograma e depois imprimia, agora o próprio slide tornou-se a obra de arte. Outra novidade é que o céu diurno também ganhou atenção da artista, que antes só trabalhava com imagens noturnas. Além disso, ela começou a criar desenhos enquanto fotografa, aumentando a exposição e explorando novos elementos de luz.

*“Comecei a brincar com as múltiplas exposições, criando manchas desfocadas, deixando o obturador da câmera aberto por um tempo mais longo. Com isso, consigo várias texturas. É uma intervenção que começa a partir da câmera, na qual vou compondo desenhos quando estou fotografando”,* conta a artista.

### **SOBRE A ARTISTA**

Amanda Coimbra (Brasília, 1989) – Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduada em Artes Visuais pelo School of the Art Institute of Chicago (2011). Participou das residências artísticas Casa da Escada Colorida (2021-2022), DESPINA (2017), Espacio de Arte Contemporáneo (Montevideu, 2017), Proyecto ‘ace (Buenos Aires, 2012) e Picture Berlin (Berlim, 2009). Desde 2010

mostra seu trabalho em exposições coletivas e individuais no Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Uruguai, Argentina e Perú. Em 2016 publicou o fotolivro *“A Memória de um Álbum de Viagem”*, com prólogo da curadora argentina Ana María Battistozzi. Em 2021 seu projeto *“Nascer de Terras”* foi contemplado pelo edital *Retomada Cultural RJ* (Lei Aldir Blanc – SECEC RJ). Participou do programa de acompanhamento para artistas *“Imersões Poéticas”*, com orientação de Cadu e Natália Quinderé e exposição coletiva do grupo no Paço Imperial (2023).

### **SOBRE A CURADORA**

Natália Quinderé nasceu em Fortaleza, vive no Rio de Janeiro. Faz curadorias, pesquisa sobre arte e dança. Fez curadorias individuais de Ana Hupe, Eloá Carvalho, Pedro Víctor Brandão, Luciana Paiva, Maria Baigur, Darks Miranda, Cristina de Pádula, Mayra Redin, entre outras. Idealizou *Seis gentes dançam no museu*, um projeto que intersecciona artes visuais, performance em dança e arte sonora (MAM, Rio). Em 2024, foi uma das residentes do *Pivô* (São Paulo). Foi selecionada para a última edição do *Abre Alas* (Gentil Carioca), em 2025. Atrelado ao trabalho de edição, traduziu ensaios de Hito Steyerl, Chantal Mouffe, Oksana Bulgakova, o curador Bonaventure Soh Bején Ndikung, entre outros.

## “ALAIR GOMES: O EROTISMO NO BELO”

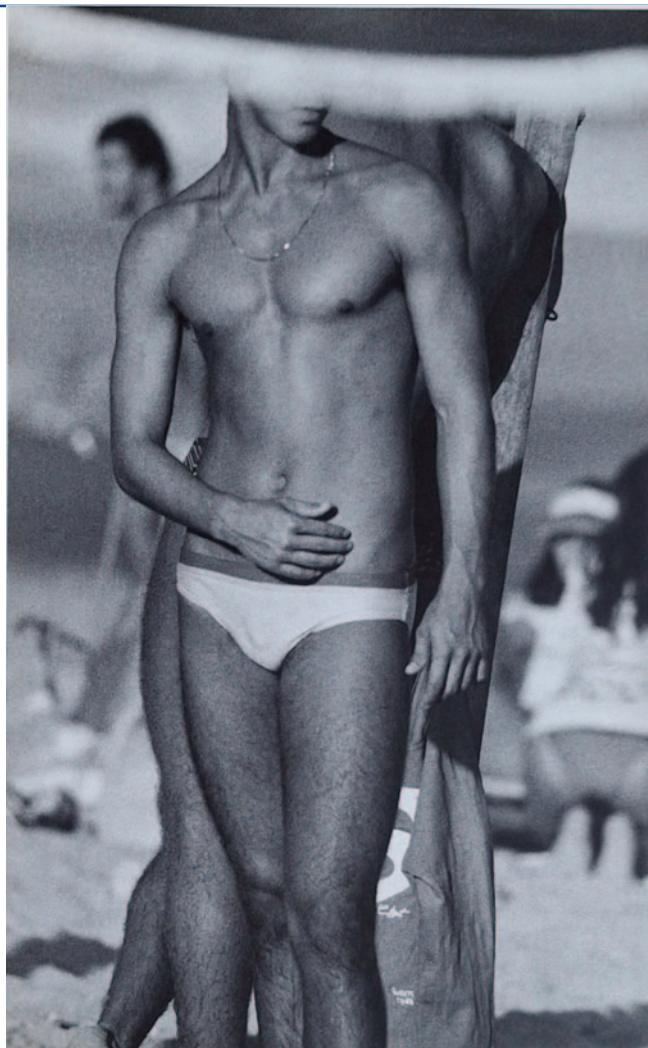
*Exposição apresenta, pela primeira vez, parte de acervo de fotos arquivado por mais de 25 anos*

Fruto do recorte de uma das séries da coleção reunida por Klaus W., jornalista alemão e grande amigo do artista, a exposição *“Alair Gomes: o erotismo no belo”* tem curadoria assinada por Luiz Pizarro. Ao longo de anos, Klaus comprou fotografias de diferentes séries de Alair, além de outras tantas adquiridas através de permuta por materiais que ele trazia da Alemanha, tais como papel fotográfico, filmes, entre outros itens. Arquivado por mais de 25 anos, parte deste acervo de fotos agora sai da gaveta para ser exibido ao público, que terá acesso a um material inédito, com cerca de 60 registros em preto e branco.

*“A série erótica aqui apresentada – toda ela originalmente manipulada, revelada e ampliada pelo próprio Alair no laboratório em seu apartamento, que também servia como estúdio para fotografar seus modelos – faz parte de um trabalho inovador e provocativo do artista, considerando, em especial, o período em que foram criadas:*

*Adoremus nº 7*





*Beach Tryptich nº 1*

as décadas de 1970 e 1980. Ao capturar a beleza e a vulnerabilidade do corpo masculino, ele explorava a sensualidade, a intimidade e a relação do homem com seu próprio corpo, numa época em que a nudez masculina era bastante censurada, principalmente quando remetia à ideia de homossexualidade”, escreve Luiz Pizarro.

## **SOBRE ALAIR GOMES**

Nascido em Valença, município do Rio de Janeiro, Alair de Oliveira Gomes (1921-1992) formou-se em enge-

nharia civil e eletrônica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir de 1965 passou a se dedicar à fotografia, produzindo ao longo de 26 anos mais de 170 mil negativos. Alair Gomes também foi criador e coordenador do setor de Fotografia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, nos anos 1970. Entre 1976 e 1984, participou de mostras coletivas em Nova York, Paris, Rio de Janeiro e Toronto.

O trabalho de Alair Gomes, considerado, até então, inédito e único no Brasil, conquistou reconhecimento internacional e nacional em 2001, em uma grande mostra retrospectiva na Fundação Cartier de Arte Contemporânea em Paris, com imagens que integram o acervo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Além disso, um conjunto de suas fotografias foi selecionado para a Bienal de São Paulo em 2012, e algumas obras fazem parte do acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Sua obra foi tema no filme documentário *A morte de Narciso* (2003) de Luiz Carlos Lacerda.

## **SERVIÇO**

*Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial*

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita

*Classificação:* livre

**Amanda Coimbra – Luz estelar ecoando**

**André Griffó – Alto Barroco**

*Aberturas:* 14 de junho, das 15h às 19h

*Exposições:* até 10 de junho

**Luiz Aquila – “Panorama do Ateliê”**

**“Alair Gomes: o erotismo no belo” \***

*Aberturas:* 14 de junho, das 15h às 19h

*Exposições:* até 10 de agosto

*\*Classificação:* 18 anos



Simone Leigh, *Las Meninas*, 2024

Foto: Carol Quintanilha

# ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS NO CCBB RJ

*Mostra apresenta obras de artistas afrodescendentes do Brasil e dos EUA, como Abdias Nascimento, Simone Leigh, Emanuel Araújo, e Leonardo Drew*

Reunindo cerca de 160 obras de artistas negros do Brasil e dos Estados Unidos, a exposição *“Ancestral: Afro-Américas”* chega ao CCBB Rio de Janeiro a partir do dia 4 de junho. Com direção artística de Marcello Dantas e curadoria de Ana Beatriz Almeida, a mostra celebra as heranças e os vínculos compartilhados entre os povos afrodescendentes brasileiros e norte-americanos no campo das artes visuais, promovendo uma reflexão crítica sobre a diáspora africana.

A mostra conta também com um conjunto de adornos comumente chamado de “joias de crioula”, indumentária usada por mulheres negras que alcançavam a liberdade no período colonial brasileiro, especialmente na Bahia, como forma de expressar sua ancestralidade, e uma seleção de arte africana da Coleção Ivani e Jorge Yunes, com curadoria de Renato Araújo da Silva. Os segmentos buscam localizar, por um lado, as brechas em

que a ancestralidade africana se fez presente durante o Brasil colonial, e, por outro, seus elementos na arte produzida em seu território de origem.

*“A palavra ‘ancestral’ é comum tanto em inglês quanto em português. É essa origem compartilhada que buscamos evidenciar na arte contemporânea, algo que ultrapasse as barreiras geográficas, linguísticas e culturais. A exposição ‘Ancestral’ demonstra que, mesmo diante de tanta dor, sofrimento e com todo distanciamento de séculos de diáspora africana, sua arte persiste na capacidade de manter uma chama acesa ao longo do tempo”*, destaca o diretor artístico da mostra, Marcello Dantas.

*“Nós nos deixamos guiar pelos grupos e comunidades da diáspora africana que reimaginaram o conceito de servidão nessas nações coloniais para as quais foram*

Nari Ward, *Untitled (Xancestral)*, 2024

Foto: Carol Quintanilha



trazidas, contribuindo de maneira significativa para a construção da identidade nacional desses lugares. A partir da ideia de seres humanos que reinventam sua existência em um ambiente hostil, selecionamos artistas que evocam essa invenção, essa transformação, e esse processo de 'tornar-se' como uma poderosa ferramenta, poética e estética”, ressalta a curadora Ana Beatriz Almeida.

## ARTISTAS

Neste contexto, são apresentados trabalhos inéditos das brasileiras Gabriella Marinho e Gê Viana e da norte-americana Simone Leigh, primeira mulher afro-americana a representar os Estados Unidos na Bienal de Veneza. O também norte-americano Nari Ward traz para a mostra um trabalho criado em solo brasileiro exclusivamente para a ocasião, no qual incorpora objetos do cotidiano, enriquecendo o intercâmbio artístico entre as nações.

Também fazem parte da mostra nomes como Abdias Nascimento, ícone do ativismo cultural no Brasil, reconhecido por suas contribuições à valorização da cultura afro-brasileira e por ter recebido o Prêmio Zumbi dos Palmares. Entre os artistas norte-americanos, Kara Walker se destaca com sua arte provocativa, que examina questões históricas e sociais, que lhe rendeu o Prêmio MacArthur. Julie Mehretu é outra presença significativa, reconhecida por suas complexas pinturas que estabelecem um diálogo com a geopolítica atual, acumulando uma série de prêmios ao longo de sua carreira. Complementando esse panorama, a artista brasileira Rosana Paulino traz um olhar crítico sobre



Agnaldo Manuel dos Santos, *Sem título*, déc. de 1950

Foto: Divulgação

raça e identidade, ressaltando a diversidade e a profundidade das vozes representadas na mostra.

Ainda se somam a eles nomes como o da jovem artista Mayara Ferrão, que utiliza a inteligência artificial para repensar cenas de afeto entre pessoas negras e indígenas não contadas pela “história tradicional”; e Arthur Bispo do Rosário, com seus mantos bordados e objetos que transcenderam o tempo e subverteram o conceito de beleza e loucura. Reforçando o diálogo poderoso sobre identidade, cultura e história, e refletindo a complexidade da experiência humana, há obras de Kerry James Marshall, Carrie Mae Weems e Betye Saar.

## NÚCLEOS TEMÁTICOS

A mostra está dividida em três eixos – *Corpo, Sonho e Espaço* –, oferecendo reflexões sobre a afirmação do corpo, a dimensão onírica dos sonhos e a reivindicação de espaço. Através desses eixos, “*Ancestral: Afro-Américas*” promove um encontro que valoriza o con-

ceito de identidade afro-americana no Brasil e nos EUA e também a arte decolonial. A exposição não apenas homenageia os artistas que desafiaram as brutalidades e o apagamento do colonialismo, mas também busca fomentar um diálogo aberto sobre o impacto e a relevância das raízes africanas ancestrais na sua formação e em seus contextos sociais.

No núcleo “*Corpo*”, as obras exploram os limites da representação. O ato de retratar uma pessoa negra em uma obra de arte – seja representando o outro ou a si mesmo – frequentemente constitui um poderoso ato de resistência. Este enfoque não só desafia as narrativas dominantes, como também desempenha um papel fundamental na reformulação do cânone da arte.



Dawoud Bey, *Toyia, Kelvin & Erica II*, 1993

Foto: Divulgação

Os trabalhos do núcleo “*Espaço*” examinam propostas de construção de mundo e criação de lugares, evidenciadas pelas múltiplas habilidades dos artistas apresentados nesta exposição. Ao tratar de temas como

imigração, história e comunidade, os artistas desafiam percepções convencionais de espaço e pertencimento, e suas obras não apenas expandem nossa compreensão de “espaço”, como também convidam à contemplação sobre as conexões profundas entre os mundos que habitamos e as histórias que eles contêm. Também neste núcleo estão 26 joias de crioula, peças de indumentária que constituem uma joalheria ritual para afirmação da ancestralidade africana por mulheres negras que conquistavam sua liberdade através do trabalho nas ruas, principalmente na Bahia, durante o período colonial brasileiro.

No núcleo “*Sonho*” as obras expandem os limites da abstração, promovendo a contemplação e provocando reflexão. Por meio do uso inovador de cor, forma e textura, os artistas exploram temas complexos que desafiam as noções tradicionais de representação.



Mônica Ventura,  
*O Sorriso de Acotirene*,  
2018

Foto:  
Carol Quintanilha



Diambe,  
Colméia,  
2023  
Foto: Divulgação

## ARTE AFRICANA

A exposição celebra as conexões entre a herança africana e a arte contemporânea no Brasil e nas Américas, destacando a ancestralidade como uma grande fonte de criatividade artística. Desta forma, para ampliar o conceito, a mostra tem um núcleo de Arte Africana Tradicional, com curadoria de Renato Araújo da Silva, trazendo obras de povos de países como Nigéria, Benim, Guiné, Guiné-Bissau, Angola e República Democrática do Congo. A seção homenageia o continente de origem da humanidade, evidenciando a força das tradições e inovações culturais transmitidas ao longo do tempo.

*“A seção de arte africana na exposição ‘Ancestral’ apresenta obras dos povos da costa ocidental do continente, como Jorubá da Nigéria, Fon do Benim, Bijagó da Guiné-Bissau, Baga da Guiné, além de povos das regiões mais centrais da África, como os Tchokwe da Angola, os Bakuba e Bakongo da República Democrática do Congo, entre outros”,* conta o curador Renato Araújo da Silva. A intenção é não apenas homenagear o passado, mas também fazer um convite à reflexão sobre a resiliência e a criatividade que marcam as heranças da África.

## CURADORES

*Ana Beatriz Almeida* é artista visual, curadora e historiadora. É mestre em História da Arte e Estética pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é doutoranda em Estudos de Museus na University of Leicester, no Reino Unido. O trabalho de Almeida integra a coleção permanente do Instituto Inhotim, em Brumadinho.

*Renato Araújo da Silva* graduou-se em filosofia em 2002 pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador e curador, atua como consultor em arte africana das Coleções Ivani e Jorge Yunes desde 2018, Cerqueira Leite e Tomás Alvim, desde 2021.

## DIRETOR ARTÍSTICO

*Marcello Dantas* é curador interdisciplinar com ampla atividade no Brasil e no exterior. Trabalha na fronteira entre a arte e a tecnologia, produzindo exposições, museus e múltiplos projetos que buscam proporcionar experiências de imersão por meio dos sentidos e da percepção. Atualmente é curador do SFER IK Museo em Tulum, no México.

## SERVIÇO

### **Ancestral: Afro-Américas**

De 4 de junho a 1º de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, 1º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 | E-mail: [ccbbrio@bb.com.br](mailto:ccbbrio@bb.com.br)

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h.

Fechado às terças-feiras.

Classificação indicativa: livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do CCBB

– [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

# DJANIRA – 110 ANOS



*A artista que expressou em sua pintura o profundo amor pelo povo brasileiro é celebrada em exposição realizada pela Pinakothek Cultural Rio de Janeiro e Instituto Pintora Djanira. A mostra percorre a trajetória da artista com 50 obras, muitas delas jamais exibidas publicamente*

Com curadoria de Max Perlingeiro e Fernanda Lopes, a mostra é composta por 50 obras, exibidas em cinco núcleos: *Retratos; Religiosidade – Ritos, Mitos e Sonhos; O trabalho e a pintura de gênero; Registros do Brasil; e “Aventuras de Procopinho”*, desenhos em guache sobre papel nunca mostrados antes ao público. A abertura acontece no dia 2. No dia 10 de junho, às 19h, haverá o lançamento do catálogo e visita guiada à exposição com os curadores.

Entre as obras inéditas destacadas na exposição, constam *“Sem título (Primeiro retrato de Motta)”*, 1952; *“Dança de Iemanjá”*, 1952; *“Autorretrato”*, sem data;

*“Engomadeira”*, 1954; *“Santa ceia com vista de Santa Teresa”*, 1958; *“Orixá Oxalufan – Orixá Velho”*, 1958; *“Índia Canela”* (estudo), 1960; *“Bumba meu boi”*, 1961; *“Alambique”* e *“Casa de Paraty”*, de 1967 (que embora constem de publicação do MASP nunca foram exibidas); *“Orixás”*, 1970; *“Sem título”* (estudo para a capa do álbum *“Casa de Farinha”*), circa 1974; *“Mina de carvão”*, circa 1974; e *“Transamazônica”* (1978).

Fernanda Lopes ressalta que a exposição é uma celebração histórica da vida e da produção da artista. *“Ver sua obra agora é também constatar a atualidade das suas imagens e da sua maneira de enxergar o mundo*

*à sua volta, além de uma importante contribuição para o pensamento sobre o Brasil e a arte brasileira de hoje”*, diz a curadora ao destacar uma frase de Djanira sobre o seu próprio trabalho: *‘Falo o brasileiro simples,*



*Santa ceia com vista de Santa Teresa, 1958*

Foto: Jaime Acioli

*uma linguagem que muita gente só entende quando é falada com sotaque de academia’, resumiu certa vez a artista”.*

Ao afirmar que *“a vida de Djanira era pintar”*, Max Perlingeiro enfatiza que ela participou ativamente do meio cultural e social no Rio de Janeiro, e que seu reconhecimento e sua contribuição para a arte moderna brasileira se traduzem nas inúmeras exposições internacionais recentes. O curador enaltece também o papel da Pinakothek no apoio a iniciativas de preservação da memória e do legado de artistas. *“Nossa primeira ação foi com o Projeto Portinari, em 1979. Atualmente, realizamos uma parceria com o Instituto Pintora Djanira”,* que tem como missão *“preservar, pesquisar e disseminar a obra e a memória desta importante artista brasileira, assim como o contexto histórico-cultural do modernismo brasileiro, no qual a sua produção se insere”.*

### VIAGENS PELO BRASIL

Fernanda Lopes menciona um texto escrito em 1963 por Djanira para a revista *“Manchete”*, em que a artista comenta a importância das viagens em sua produção: *“Uma tela, para mim, é, às vezes, a vivência de uma viagem disciplinada no ateliê. Eu não poderia viver sem o alento da terra. Creio que a minha vocação como pintora veio das caminhadas que fazia com meu pai, dentista ambulante, sem pouso certo, de cidade em cidade. Assim também ando eu, cheia de inquietude amorosa pela nossa paisagem e pelo nosso povo”.*

Perlingeiro complementa: *“Em suas inúmeras viagens pelo Brasil, Djanira registrava com riqueza de detalhes*

*a paisagem, as manifestações populares e as atividades econômicas – no Rio de Janeiro e em seus arredores; na Bahia, onde manteve um ateliê; em Minas Gerais; no Maranhão; em Santa Catarina; e no Amazonas”.*

### PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

#### Retratos



*Autorretrato, sem data*

Foto: Jaime Acioli

*“A ideia de uma paisagem humana se constrói na produção da artista a partir de autorretratos, retratos de quem convivia com ela cotidianamente, e pessoas que encontrava em suas andanças”, explica*

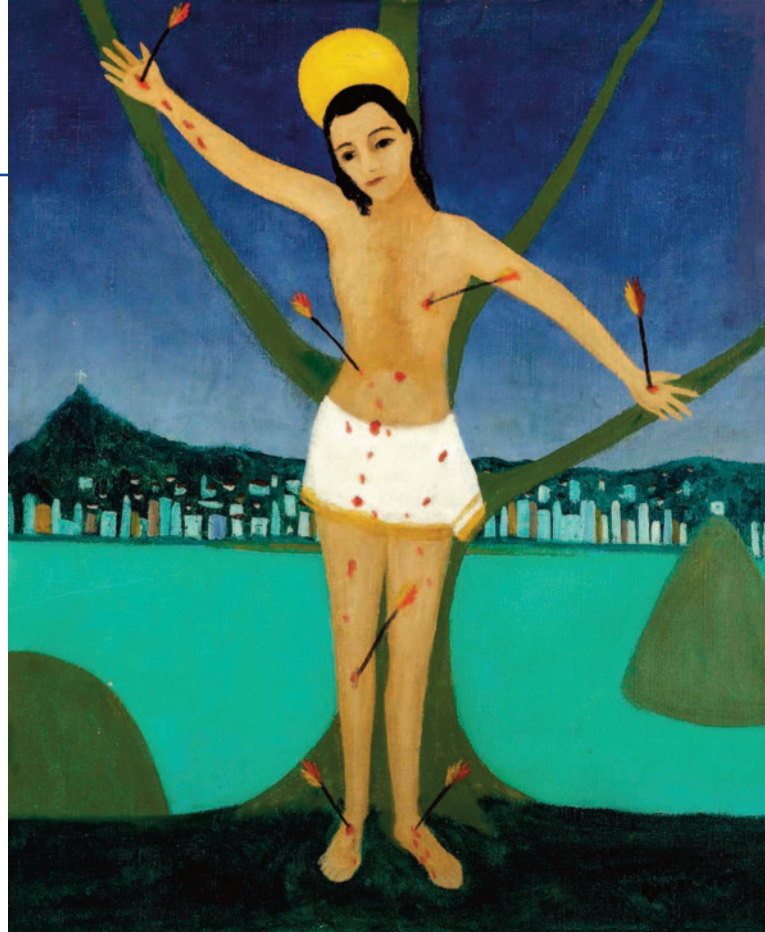
Fernanda Lopes. “Na exposição da Pinakothek, somos recebidos por um núcleo quase familiar: um autorretrato de Djanira; o primeiro retrato que ela fez de seu segundo marido, o poeta, historiador e arte-educador José Shaw da Motta e Silva (com quem se casou em 1953); e um retrato de Rachel Trompowsky Taulois (amiga de Djanira, com quem Motta se casou ao ficar viúvo da artista)”.

### Religiosidade – Ritos, Mitos e Sonhos

Este núcleo de obras reflete o interesse de Djanira pela religiosidade, entendida pela artista no seu sentido mais amplo, incluindo ritos, mitologias e até mesmo o onírico. “Djanira dedicou parte importante de sua produção em pintura e gravura à liturgia católica, de que era praticante”, diz Fernanda Lopes ao salientar que “a artista também retratou diferentes orixás, além de ritos e mitologias dos povos originários, a partir da vivência com o povo Canela (hoje autointitulado Timbira), quando viaja para o Maranhão em 1960”.

### O trabalho e a pintura de gênero

Max Perlingeiro explica que “pintura de gênero (ou ‘petit genre’) é a pintura da arte de gênero, que retrata aspectos da vida cotidiana mostrando pessoas comuns engajadas em atividades comuns”. Neste segmento estão várias pinturas que mostram o interesse da artista pelas atividades dos trabalhadores, que quase sempre aparecem em situações coletivas: colheitas de café e de cana de açúcar, casas de farinha, mina de carvão etc.



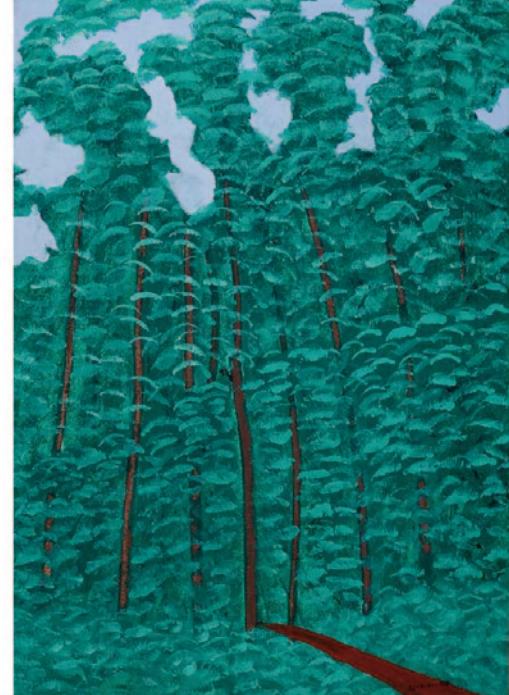
São Sebastião, 1966

Foto: Jaime Acioli



Colheita de cana de açúcar, sem data

Foto: Jaime Acioli



*Transamazônica*, circa 1970

Foto: Jaime Acioli

### Registros do Brasil

As paisagens de Djanira são como retratos, como nos faz pensar uma de suas declarações para a imprensa: *“Quero bem às paisagens como quero bem ao ser humano. Uma jarra de flores para mim é uma amiga”*. Estão neste núcleo pinturas como *“Porto na Bahia”* (1954), *“Cabo Frio”* (1970), *“Saquarema”* (1970), *“Casa de Paraty”* (1967), *“Rede de pesca, Paraty”* (1957), *“Transamazônica”* (1978), *“Ruína do Forte Jerere, Florianópolis”* (1972), *“Igreja em Congonhas do Campo”*, e *“Santa ceia com vista de Santa Teresa”* (1958).

### Aventuras de Procopinho

Quatro desenhos feitos por Djanira para *“Aventuras de Procopinho”*, nunca mostrados anteriormente ao público, estão neste núcleo. Em novembro de 1948, Lúcia Benedetti (1914-1998), figura central na consolidação do teatro infantil no Brasil, escreve *“Aventuras de Procopinho”*, peça concebida para ser encenada pelo ator Procópio Ferreira (1898-1979) em vesperais para crianças. Não há registros da montagem do es-

petáculo, mas Djanira é convidada no mesmo ano para ilustrar o texto da peça.



*Lar de Procopinho*, circa 1948

Foto: Jaime Acioli

### SOBRE DJANIRA

Djanira nasceu em 20 de junho de 1914, em Avaré, São Paulo, descendente de guaranis e austríacos, e desde os dois anos de idade foi criada por outra família, em

uma pequena cidade de Santa Catarina, Porto União, divisa com Paraná. Trabalhou na lavoura de café, na criação de gado e cozinhou para famílias. Aos 18 anos foi para São Paulo, e, depois de se tratar de tuberculose em São José dos Campos, onde fez seu primeiro desenho, se estabelece em Santa Teresa, bairro alto no Rio de Janeiro, aos 25 anos. A força de seu trabalho se impôs, apesar de não ter sido acolhida pela academia, e Djanira integrou o círculo dos grandes artistas e críticos de sua época.

Em 1958, a artista ganhou sua primeira retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, instituição muito presente em sua vida. Expôs em vários países europeus e nos EUA. Morreu no Rio de Janeiro, em

31 de maio de 1977, e sua obra permanece viva e atual. No ano passado, foi uma das artistas a integrar a Bienal de Veneza, que teve curadoria de Adriano Pedrosa, e também a exposição *“Brasil! Brasil! – The Birth of Modernism”*, no Zentrum Paul Klee, em Berna, Suíça, organizada em parceria com a Royal Academy of Arts de Londres.

### SERVIÇO

#### *“Djanira – 110 anos”*

De 2 de junho a 19 de julho

*Pinakotheke Cultural*

Rua São Clemente 300, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2537-7566 | E-mail: [contato@pinakotheke.com.br](mailto:contato@pinakotheke.com.br)

*Dias/Horários:* segunda a sexta-feira, das 10h às 18h; s

ábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita

*Dança de Iemanjá, 1952*

Foto: Jaime Acioli



*Engomadeira, 1954*

Foto: Jaime Acioli





Foto: Filipe Berndt

## Exposição de SUANÊ na Galeria Estação, SP

*Mostra reúne um conjunto representativo de trabalhos realizados nas duas últimas décadas da artista pernambucana (1922-2020). Ela participou da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, conviveu com a cultura e as tradições indígenas do nordeste brasileiro e construiu sua trajetória artística multifacetada ao longo de 70 anos*

Nascida Lúcia, mas batizada Suanê pelo pajé da aldeia do povo indígena Fulni-ô, no interior pernambucano, a artista plástica teve intenso convívio com as tradições da comunidade da vila de Águas Belas e de outros vilarejos, até chegar a Recife e Olinda. Das vivências se inspirou nas memórias, nas lendas contadas, músicas e rezas ouvidas para transformar tudo em arte. Parte dessa produção está na exposição que tem a curadoria de Ivo Mesquita, e reúne obras da fase contemporânea de Suanê na Galeria Estação, em São Paulo.

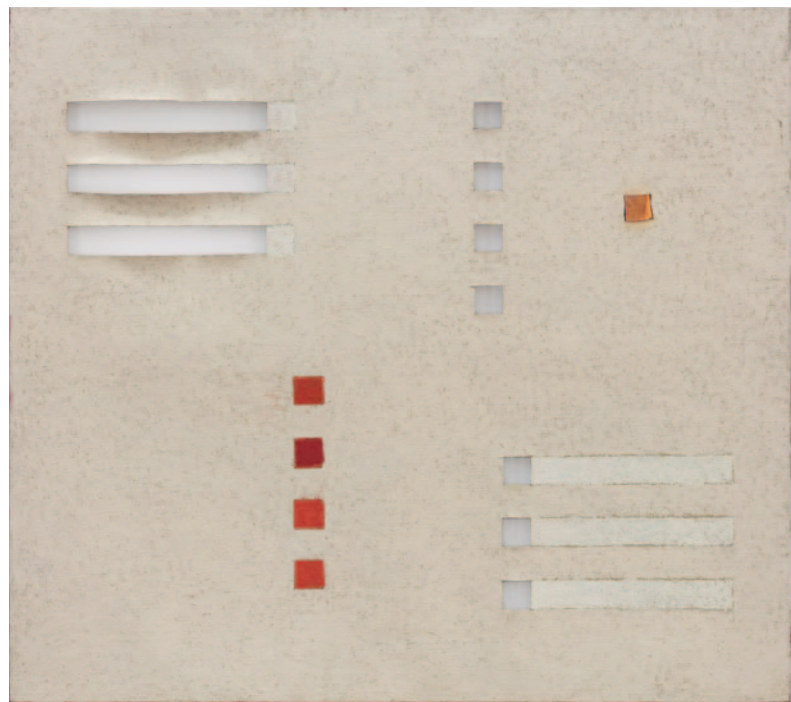
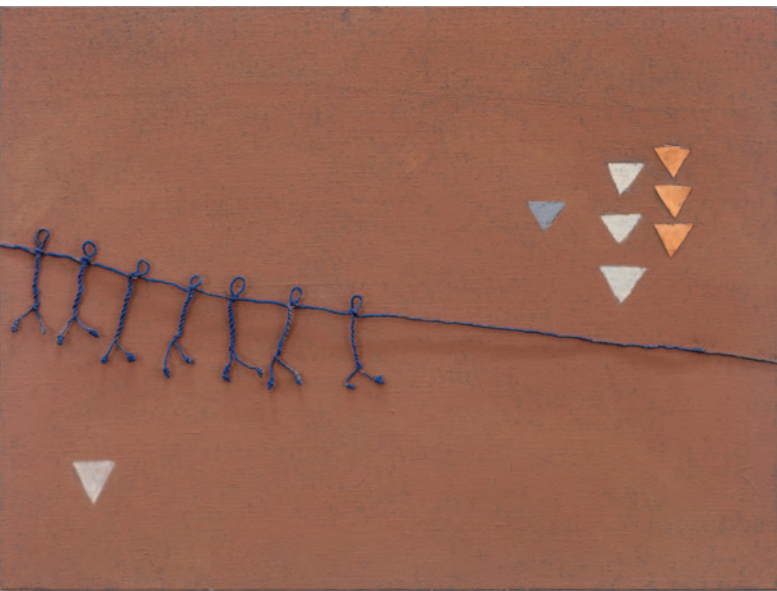
Na mostra estão os trabalhos realizados na última etapa da carreira de Suanê, que vivia em São Paulo desde 1940, cidade onde desenvolveu, de forma discreta, mas longa e intensa, uma produção artística consistente, própria do seu tempo. Em seu texto de parede, o curador enaltece o final da produção de Suanê, com pinturas como objetos construídos manualmente, num trabalho fresco e vigoroso, na manipulação de telas, madeiras, tecidos, cordas, barbantes, contas, metais, arame, papelão, fios de cabelo, entre outros, num movi-

mento francamente libertário. Para ela uma experiência vital depois de quase uma década sem trabalhar.

*“O aparecimento desta surpreendente produção em uma profissional conhecida como pintora de têmperas, figurativa, revela sua capacidade de transformação, com o abandono dos cânones tradicionais da sua prática, para lançar-se em um campo aberto de experimentação formal, onde os trabalhos nascem de um pensamento abstrato, uma vontade de forma a partir de materiais, linhas e cores, em procedimentos de apropriação, montagem, colagem, costura, bordado, construção, amarração, gambiarras”,* destaca o curador Ivo Mesquita.

Foi com o incentivo do marido, Nelson Nóbrega – pintor, desenhista, gravador e professor – que ela criou um estilo único para ancorar sua trajetória artística multifacetada, incorporando elementos de várias proposições estéticas, em diferentes fases da sua carreira.

Fotos: Filipe Berndt



E não por acaso, a veia artística da família é reconhecida no fato de Suanê ser tia-avó do também pernambucano Tunga (Antonio José de Barros Carvalho e Mello Mourão), artista plástico nascido em Palmares – PE, em 1952.

Lúcia Suanê Carvalho Nóbrega (1922-2020) participou da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, e em salões internacionais de cidades como Paris, Tóquio e Santiago. Também esteve no 20º Panorama de Arte Atual Brasileira em 1989. Em 2024, Suanê teve sua primeira grande retrospectiva exibida no Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP). Mesmo com diversas participações em eventos nacionais e internacionais de grande impacto no mundo artístico, Suanê não conquistou, no Brasil, a mesma projeção ainda que estivesse integrada aos debates contemporâneos.

O trabalho e a trajetória da artista também instigam a reflexão sobre os limites da história da arte entre os séculos 19 e 20, conforme destacou o curador da exposição realizada no MAC-USP em 2024, Tálisson Melo. Com formas diversas para aliar o mundo das coisas a uma dimensão cósmica da vida, a artista realizou, no período de meados de 1940 a 2020, um trabalho intermitente, com pequenas pausas na produção. E adotou, na extensão desse percurso, formas diversas de aliar o mundo das coisas a uma dimensão cósmica da vida.

No início, foi a fase da alternância entre a representação de cenas religiosas, naturezas-mortas e retratos. No final da década de 1980, vieram as pinturas que sugerem visões do céu e do universo. Já no período entre 2006 e 2019, a artista passa a recortar e abrir áreas

vazias no suporte de suas peças. São incorporados tecidos, cordas, madeira, plástico e lâminas de metal aos processos produtivos.

A Galeria Estação tem a representação do Espólio de Suanê no Brasil. Com a mostra, propicia que a última fase de produção da artista seja revisitada, a partir dos anos 2000, período que marca a mescla de materiais incorporados às obras e expande o vocabulário a um patamar ilimitado, que faz alusão ao cosmos e integra elementos que propõe novas leituras a partir de formas, cores, texturas e brilhos.

## SERVIÇO

### *Suanê*

Até 5 de julho

Galeria Estação

Rua Ferreira de Araújo, 625, Pinheiros, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3813-7253

*Dias/Horários:* segunda a sexta, das 11h às 19h;

sábados, das 11h às 15h

Foto: Filipe Berndt



## “TERRA” na Claraboia



Claudia Andujar, *Floresta Amazônica, Pará*, da série “*Sonhos Yanomami*”, 2002

*Exposição coletiva reúne mais de 70 obras de 31 artistas cujos trabalhos têm a terra como suporte moldável ou que a exploram em suas dimensões poéticas e políticas*



Hélio Melo, *A chegada do Palhaço Rufino no Seringal*, 1994

Foto: Divulgação

Com curadoria de Moacir dos Anjos e Priscyla Gomes, *Terra* propõe o diálogo entre distintas esferas no campo artístico e busca ampliar o olhar sobre o território, evidenciando uma produção descentralizada. Pinturas, cerâmicas, fotografias, esculturas, vídeo e instalação formam a exposição que também inclui um núcleo documental com publicações históricas disponíveis para leitura, voltadas principalmente à questão indígena no Brasil.

*“Terra é matéria e é chão onde se vive. É coisa física e é lugar de pertencimento. Como matéria fluida que assume tantas formas ou como território de disputas variadas, a terra está presente em trabalhos de muitos artistas brasileiros, seja como coisa usada para criar ou como motivo para representar o mundo”, diz o texto curatorial.*

Para Rodrigo Villela, diretor artístico e executivo da Claraboia, *“Terra é uma mostra que visa a ampliação e o cruzamento de diferentes universos no campo das artes e que, com as pesquisas curatoriais de Moacir dos*



Henrique Oliveira, *Memento Habilis*, 2020-2023

Foto: Divulgação

Anjos e Priscyla Gomes, cria um território poético fértil e assertivo”.

Claraboia – projeto idealizado em parceria com o grupo Almeida & Dale – é um espaço de pluralidade cultural e plataforma de trocas de conhecimento e formação de comunidades em torno da arte. Estimula a produção descentralizada, com ênfase nas influências do Norte e Nordeste do Brasil.

## ARTISTAS

Abiniel João Nascimento (1996, Carpina, PE), Almir Lemos (1973, Maragogipinho, BA), Amadeo Luciano Lorenzato (1900-1995, Belo Horizonte, MG), Antônio Poteiro (1925, Santa Cristina da Pousa, Portugal-2010, Goiânia, GO), C. L. Salvaro (1980, Curitiba, PR), Claudia Andujar (1931, Neuchâtel, Suíça), Davi de Jesus do Nascimento (1997, Pirapora, MG), David Almeida (1989, Brasília, DF), Gustavo Caboco (1989, Curitiba, PR), Hélio Melo (1926, Boca do Acre, AM-2001, Goiânia, GO), Henrique Oliveira (1973, Ourinhos, SP), Jacque Faus (1986, São Paulo, SP), José Antonio da Silva (1909, Sales

Oliveira, SP-1996, São Paulo, SP), José Assunção (1911, Morro da Sela, MG-2003, Itabira, MG); Joseca Yanomami (1971, Terra Indígena Yanomami, AM), Josi (1983, Itamarandiba, MG), Júlia Pontés (1983, Belo Horizonte, MG), Maria Lira Marques (1945, Araçuaí, Minas Gerais), Marlene Almeida (1942, Bananeiras, PB), Maureen Bisilliat (1931, Englefield Green, Inglaterra), Mestre Luiz Antônio (1935, Caruaru, PE), Mestre Vitalino (1909-1963, Caruaru, PE), Nilda Neves (1961, Botuporã, BA), Paulo Pires (1972, Poxoréu, MT), Pedro França (1984, Rio de Janeiro, RJ), Raphaela Melsohn (1993, São Paulo, SP), Rodrigo Braga (1976, Manaus, AM), Sil da Capela (1979, Cajueiro, AL); Tiago Mestre (1978, Beja, Portugal), Vinicius Barajas (1984, São Bernardo do Campo, SP), Wallace Pato (1994, Rio de Janeiro, RJ).

## CURADORES

**Moacir dos Anjos** (1963, Recife, PE) é coordenador geral do Museu do Homem do Nordeste, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Foi curador da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e de importantes exposições, entre as

quais *Cães sem Plumagem* (MAMAM, Recife, 2014), *A Queda do Céu* (Paço das Artes, São Paulo, 2015), *Quem não luta tá morto. Arte democracia utopia* (Museu de Arte do Rio, 2018), *Língua Solta* (Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, 2021) e *Arte Subdesenvolvida* (CCBB-SP, BH, RJ e DF, 2024-2025). É autor dos livros *Local/Global. Arte em Trânsito* (Zahar, 2005), *Arte Bra Crítica* (Automática/Martins Fontes, 2010), *Contraditório. Arte, Globalização e Pertencimento* (Cobogó, 2017) e *Ataque à Indiferença. Ensaios sobre arte e política* (Cobogó, 2025).

**Priscyla Gomes** (1982, São Paulo, SP) é curadora e pesquisadora formada pela FAU-USP. É especialista em Filosofia da Arte pela PUC. Foi curadora sênior do Instituto Tomie Ohtake (ITO), onde integrou o Núcleo de Curadoria (2013-2023). Curou diversas mostras, entre elas *Andy Warhol: Pop Art!* (2025, MAB-FAAP), *Meu quintal é maior que o mundo* (2025, Casa Triângulo, SP), *Hirumi Nagakura até a Amazônia, com Ailton Krenak* (2024-25, MIS Ceará, CCBB-RJ, DF e BH; Tomie Ohtake, SP), *Vânia Mignone: De tudo se faz canção* (2023-24, Tomie Ohtake, SP e P. das Artes, BH). Organizou livros e publicações, sendo o mais recente *Tomie* (2022), finalista do Jabuti em 2023. Em 2020, ganhou o Prêmio Jabuti na categoria "Artes".

## SERVIÇO

### Terra

Até 26 de julho

Claraboia

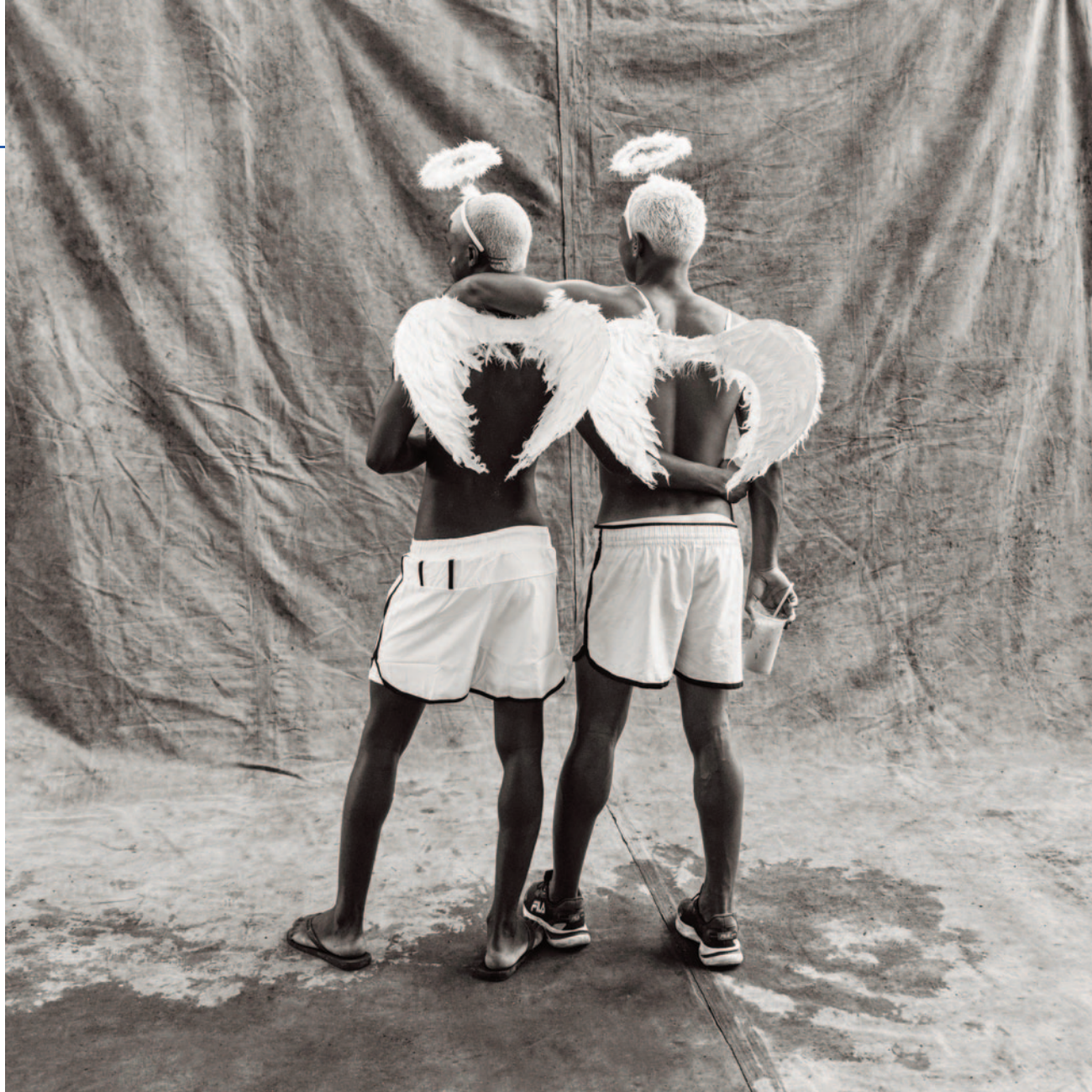
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 2906, Jardim América, São Paulo / SP

*Dias/Horários:* segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

Júlia Pontés, *Ó Minas Gerais #28*, 2016





*Projeto  
Na lona*

## “DEIXA FALAR”, exposição de ROGÉRIO REIS na Galeria da Gávea, RJ

*Mostra reúne obras inéditas realizadas durante o carnaval deste ano,  
quando o fotógrafo retomou a consagrada série “Na Lona”,  
ao lado de registros realizados nos anos 1980 e 1990*

Fonte inesgotável de imagens, o carnaval carioca propicia obras singulares, como as que compõem a celebrada série “*Na lona*”, de Rogério Reis. Ao longo de 17 anos (1986-2003), com uma câmera Hasselblad, ele registrou foliões de rua em pontos distintos da cidade. A série se desdobrou em várias exposições no Brasil e no exterior, em livro (editora Aeroplano, 2001) e documentário (de Stefan Kolumban Hess, 2002), e entrou para a iconografia do carnaval carioca.

Este ano, mais de duas décadas depois de ter dado por concluído este trabalho, Rogério Reis o retomou, impulsionado por um amigo, também fotógrafo. As novas fotografias, realizadas em março de 2025, são destaque da exposição *Deixa falar*, ao lado de fotos do ensaio original, parte delas em ampliações realizadas na época, a partir do negativo quadrado, 6x6, da Hasselblad que Rogério utilizava para este trabalho. Somam-se a elas, exemplares de uma nova série, *Samba no pé*, nascida a partir da observação da dispersão dos blocos de rua no carnaval deste ano.

No texto de apresentação da mostra, o curador Evandro Salles ressalta que essas imagens exibem, ao menos no instantâneo da fotografia, “*a existência do impossível*”. E vai além: “*Deixa falar revela o fio através do qual são amarrados sonhos, desejos, fantasias e realidade. Delineando um percurso interior que parece infinito, nessas fotografias o mundo de dentro se externaliza, se materializa, se reconfigura e se apresenta pleno à luz do dia apesar de sua aparente loucura e impossibilidade de existência*”.



*Projeto Samba no pé*

## NA LONA

O projeto “*Na lona*” surgiu numa circunstância bem particular. Em meados dos anos 1980, Rogério integrava um grupo de fotógrafos, a agência F4, que buscava autossuficiência na produção e na distribuição de suas próprias pautas, sempre perseguindo uma identidade própria. Foi neste ambiente que ele produziu dois trabalhos marcantes: as séries *Surfistas de trem* (feita com Ricardo Azoury) e *Na lona* – nos dois primeiros anos, em conjunto com Zeka Araújo e o sociólogo Maurício Lissovsky, responsável por dar apoio conceitual ao projeto.

A ideia de documentar os foliões na rua surgiu pouco depois da inauguração do Sambódromo, em 1984, espaço projetado por Oscar Niemeyer, que transformou



*Projeto Na lona*

o desfile das escolas de samba no Rio em algo espetacular e midiático. A imprensa passou a cobrir o evento com avidez e o carnaval de rua, à exceção dos blocos mais populares, foi um pouco negligenciado.

Com um olhar diferenciado, Rogério começou a documentar foliões anônimos em suas fantasias. Para isso, ele montava uma imensa lona em diversos pontos da cidade – do Centro à Zona Sul e aos subúrbios – convidando espontaneamente os participantes a serem fotografados. O impacto dessas imagens foi tão grande que seu projeto se estendeu pelos carnavais seguintes – ininterruptamente até 2003.

## **O RETORNO**

O Carnaval deste ano trouxe uma circunstância inesperada para Rogério e o levou de volta às ruas, e ao projeto. O amigo Emmanuel Lenain, embaixador da França no Brasil e também fotógrafo, o procurou com um pedido especial: queria criar um trabalho fotográfico semelhante ao dele e precisava de ajuda. Rogério ofereceu a lona e a assistente, além de colaborar na elaboração de um plano de trabalho. Mas tudo mudou no segundo dia de carnaval, quando decidiu fazer uma visita

rápida a Emmanuel na Cinelândia para cumprimentá-lo. Ao chegar, percebeu que 17 anos haviam transformado profundamente o cenário que ele conhecia.

Ele conta a experiência: *"Ao retornar após 17 anos, percebi uma mudança significativa: a ascensão das novas afirmações sociais e da reparação histórica no Carnaval. Antes, víamos a ironia e a crítica ao poder através de fantasias que satirizavam personalidades políticas. Este ano, entretanto, essa manifestação desapareceu. Atribuo essa ausência à polarização política entre esquerda e direita, onde as represálias se traduzem em agressões políticas."*

Animado com o que viu, Rogério voltou a fotografar na lona. Na mostra estão 16 destas novas fotografias.

Morador no limite entre os bairros de Ipanema e Copacabana, Rogério Reis é um atento observador do que acontece nas ruas. Gosta de sentar num banco do calçadão e simplesmente olhar. Foi assim que viu, após a passagem de um bloco na Avenida Atlântica, as pessoas ainda sambando no sabão que os garis já jogavam no asfalto, fazendo involuntariamente um desenho na

espuma que ia secando. Este lado mais simbólico e abstrato do carnaval pode ser conferido numa série de retratos que completam a exposição.

### **SOBRE ROGÉRIO REIS**

Rogério Reis descobriu a fotografia com o professor George Racz nas oficinas do bloco escola do MAM-RJ e nos cursos do fotógrafo Dick Welton nos anos 1970. Nos anos 80, integrou a agência F4 e participou das coletivas do INFOTO – Instituto Nacional de Fotografia da Funarte. Formado em Comunicação Social na Universidade Gama Filho, trabalhou como fotógrafo no *Jornal do Brasil* (onde foi editor de fotografia de 1991 a 1996),

*Projeto Samba no pé*



*O Globo, Veja*, e edita o [www.tyba.com.br](http://www.tyba.com.br) desde 2000. É autor da foto do poeta Carlos Drummond de Andrade na praia de Copacabana (1982), que foi reproduzida em bronze como estátua (Leo Santana) e está instalada no mesmo local onde o poeta foi fotografado.

Em 1999 recebeu o Prêmio Nacional de Fotografia da Funarte com a série *Na Lona*. Está presente em importantes coleções do Brasil e exterior, entre as quais a da BnF – Bibliothèque Nationale de France, Coleção de Fotografias Brasileiras, onde este mês, por ocasião do Ano do Brasil na França, irá participar de exposição e audiência aberta ao público para apresentar a aquisição de 15 fotos suas para a coleção de fotografia contemporânea da instituição.

### **SERVIÇO**

***Deixa falar – Fotografias de Rogério Reis***

Até 18 de julho

*Galeria da Gávea*

Rua Marquês de São Vicente 432, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* segunda a sexta, das 11h às 19h

Entrada gratuita

[www.galeriadagavea.com.br](http://www.galeriadagavea.com.br)



*Projeto Na lona*

## CILDO MEIRELES: PERCURSO E PRESENÇA



*Mostra na Anita Schwartz  
Galeria de Arte,  
Rio de Janeiro, resgata  
desenhos produzidos  
nas décadas de 1960,  
1970 e 1980, e reúne  
gravuras e objetos  
pouco conhecidos  
pelo público, como  
Fiat Lux,  
obra apresentada  
uma única vez pelo artista  
carioca, em 1979,  
por apenas 24 horas*

*Sem título, 1974*  
Foto: Divulgação

*Cildo Meireles: percurso e presença* é uma homenagem ao maior expoente da arte conceitual brasileira. A mostra – que será inaugurada no dia 4 de junho – resgata uma seleção de desenhos produzidos nas décadas de 1960, 1970 e 1980; e gravuras de 2009 inspiradas em desenhos da década de 1960. Além das obras gráficas, foram reunidos alguns objetos em pequena escala, elementos de instalações simbólicas de sua produção no plano tridimensional.

*“A exposição destaca uma vertente menos conhecida, mas de grande relevância no processo criativo do artista. A prática do desenho permeia a produção do Cildo desde a infância e desempenhou um importante papel em sua trajetória. E lá se vão mais de seis décadas”,* observa Cecília Fortes, consultora artística da galeria.

Desenhar viria a ser uma forma de expressão e reflexão, um meio para detalhamento de ideias e, também, principal fonte de receita do artista carioca até quase 1990. A venda de desenhos para amigos e colecionadores possibilitou que Cildo se dedicasse à carreira artística e realizasse projetos mais complexos, pelos quais se tornaria mundialmente conhecido.

Em entrevista ao crítico Frederico Moraes, ele conta que aos nove anos de idade, morando em Belém do Pará, ganhou alguns trocados na escola vendendo desenhos. Após mudar-se para Brasília, já na escola secundária, seguiu praticando. Foi a forma que encontrou de estar mais perto do real e mostrar aos colegas a sua forma de pensar. Em 1963, aos 15, passou a frequentar o

“O desenho é a primeira percepção visual.

Numa segunda etapa é preciso voltar ao desenho, detalhar.

Ele acompanha esse processo de detalhamento de uma ideia. Mas sua função é captar essa coisa que passou como um relâmpago, que ainda não tem forma, cor, tamanho.”

*(Cildo Meireles, em entrevista publicada no catálogo da exposição “Algum desenho [1963-2005]”, editado pelo CCB-BR, em 2005)*

Ateliê Livre da Fundação Cultural do Distrito Federal, dirigido pelo artista peruano Felix Alejandro Barrenechea. Lá exercitou o desenho de observação e com modelo vivo. Na mesma época, ingressou no curso de cinema do CIEM, escola experimental, vinculada à Universidade de Brasília.

Foi nessa ocasião que passou pela cidade uma exposição do acervo de arte africana da Universidade de Dakar, no Senegal, reunindo esculturas e máscaras. A



Sem título, 1967

Foto: Divulgação

mostra exerceu forte influência na formação do artista, que se sentiu estimulado a enfrentar qualquer superfície com o intuito de resolver o problema da representação, a figura transportada para outro plano. Em 1964, momento de grande adversidade no país com o início ditadura militar, o curso de arte da Fundação Cultural foi fechado, mas Cildo continuou frequentando o ateliê de Barrechea. Desde então, a prática do desenho o acompanha, e lá se vão mais de seis décadas.

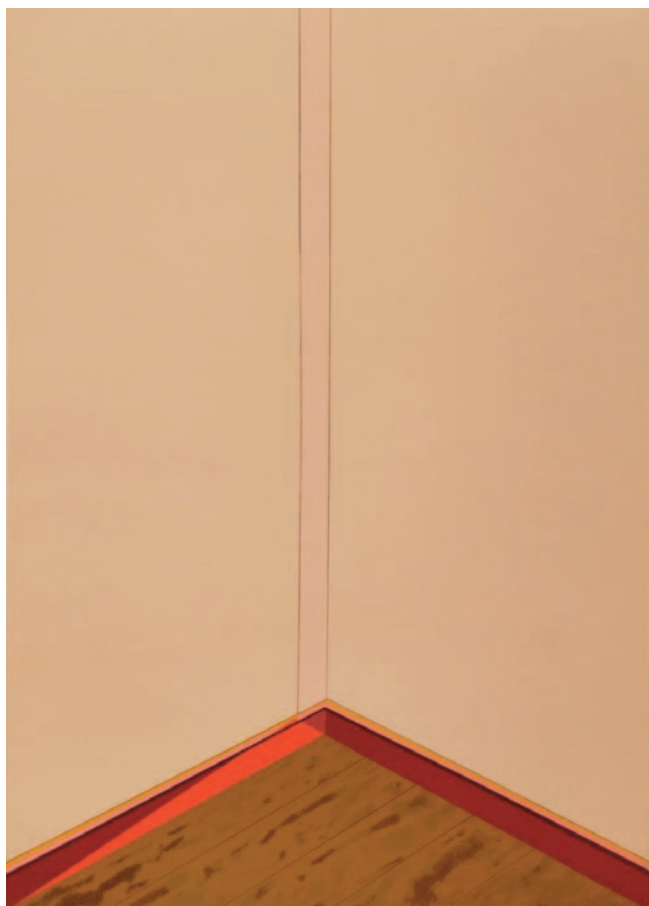
Entre as obras selecionadas para a mostra na Anita Schwartz estão desenhos livres de diferentes temáticas e formatos: alguns inspirados nas máscaras africanas; outros, seguindo uma linguagem narrativa com nichos alusivos aos de histórias em quadrinho, com situações que se desenvolvem de forma arbitrária. Há também

composições abstratas com predominância da cor, desenhos que misturam pinceladas arredondadas e tracejados evocando situações de dor e violência e, ainda, cenas específicas guardadas na memória do artista.

#### AS OBRAS

A galeria destaca a colaboração de Antônio Carlos Barreto, que trouxe obras como a emblemática série *Espaços Virtuais: Cantos*. Iniciada como desenho em 1967, é exibida em forma de gravura. Nesta série Cildo explora a perspectiva e a virtualidade através do módulo euclidiano do espaço (três planos de projeção: frontal, lateral e horizontal). Dessa investigação surgem também *Volumes Virtuais e Ocupações*, constituídos de linhas e planos de suporte que partem da parede e criam instigantes ambiguidades espaciais. Além dos de-

senhos e gravuras, são apresentados múltiplos colecionáveis, muitos dos quais fazem alusão às suas grandiosas instalações.



*Sem título, 2009 (série Espaços Virtuais: Cantos)*

Foto: Divulgação

*Camelô* remete às memórias de infância do artista, que costumava frequentar o centro da cidade do Rio de Janeiro com seu pai. Na ocasião, ele observava a presença de camelôs vendendo objetos muito simples como alfinetes, barbatanas de camisa e marionetes de

papelão e plástico. Aquela situação o intrigava. – Como aquelas pessoas podiam sobreviver vendendo itens tão insignificantes? Anos depois, surgiria o múltiplo *Camelô*, ou *vendedor ambulante*, que vende palhetas de colarinho em uma mesa e alfinetes marcados com as iniciais do artista na outra.

*Dados* é a primeira obra da série *Objetos semânticos*, de 1970. Nela o artista apresenta trabalhos em que objeto e título estabelecem uma relação de significados e ressignificados, jogando com paradoxos, ironias e contrassensos. Os diferentes sentidos da palavra se confrontam com o objeto, criando fricções entre aquilo que se imaginava entendido e o que se apresenta.

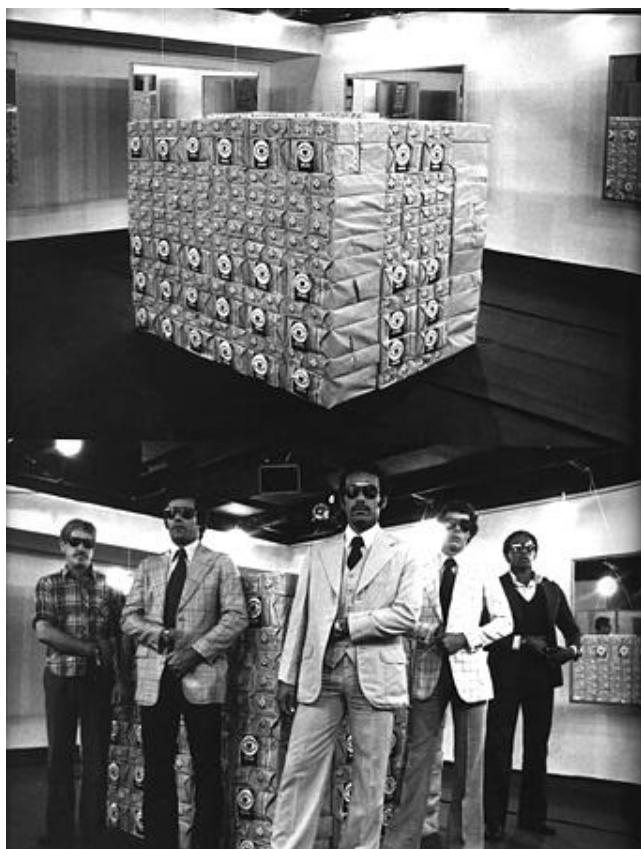


*Sem título, 1973*

Foto: Divulgação

*Esfera invisível* trata de uma existência constituída de inexistências, e sugere a presença de uma forma que se dá pela ausência da matéria. No espaço interior de um cubo aparentemente maciço de alumínio, dois he-

misférios côncavos de igual medida se encontram, criando um espaço vazio no formato de esfera. Configura-se então a ideia de uma esfera que só existe na imaginação do espectador. Tais faces recortadas só podem ser vistas quando o cubo é aberto, momento em que as partes se separam e a esfera invisível deixa de existir.

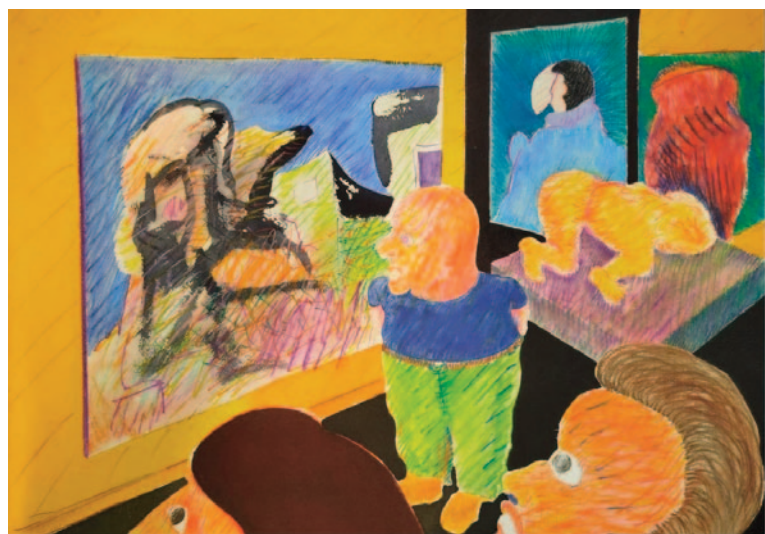


*Sermão da Montanha: Fiat Lux, 1979*

Foto: Enciclopédia Itaú Cultural / Reprodução

*Fiat Lux* faz referência a instalação *O Sermão da montanha: Fiat Lux*, apresentada por Cildo uma única vez em 1979, por apenas 24 horas, na Galeria Candido

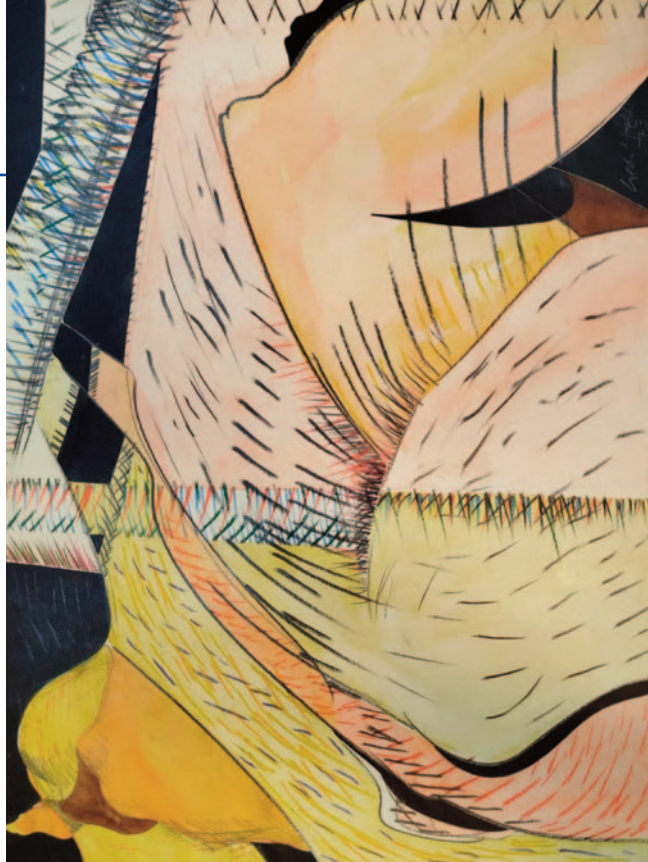
Mendes, no Rio de Janeiro. A obra, que evocava a atmosfera de medo e violência do período da ditadura militar, era um grande bloco de 126.000 caixas de fósforo da marca Fiat Lux. Instalado no centro da sala, era circundado por oito espelhos com frases bíblicas do Sermão da Montanha (Matheus 5:3-12). Atores, simulando policiais à paisana, circulavam pelo espaço, vigiando a obra. O chão, coberto por lixas pretas, amplificava o som dos passos, intensificando de tensão gerada pela possibilidade de explosão da instalação.



*Sem título, 1987*

Foto: Divulgação

O múltiplo *Glove Trotter*, uma impressão digital em placa de aço inoxidável, traz um registro da obra original de 1991, a “instalação *GloveTrotter*”. Nesta instalação, esferas de diferentes tamanhos, cores e materiais, colecionadas pelo artista ao longo dos anos, são dispostas sobre um tablado. Uma malha metálica, evocando as armaduras medievais, cobre o conjunto, unificando-o em uma paisagem lunar. O título cria um



*Sem título*, 1974

Foto: Divulgação

jogo de palavras entre a expressão “globetrotter” (indivíduo que viaja pelo globo constantemente) e a palavra “glove” (luva, em inglês), referência ao material que encobre as esferas e impede seu deslocamento. A concepção da obra parte de questões clássicas da escultura, como volume, peso e gravidade, incorporando também referências de outros contextos, como da geografia e da astronomia.

*Ovos – versão I – 1ª edição* (1970-2018) é um múltiplo criado para celebrar os 70 anos do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Desde o final da década de 1970, Cildo Meireles subverte sistemas de medida, percebendo que eles criam identidade entre grandes coletividades ao servirem como padrão comum. Ao distorcer esses padrões, o artista nos convida a refletir sobre as convenções que nos unem. Em *Ovos*, seis objetos que imitam ovos possuem pesos distintos, gerando es-

tranhamento para quem os manipula, pois se espera que ovos semelhantes tenham pesos semelhantes. Esse mesmo efeito de distorção dos sentidos é explorado na grande instalação *Eureka/ Blindhotland*, 1970-75, onde Cildo joga com peso e volume.

Por fim, a mostra apresenta um relógio e um conjunto de quatro trenas de madeira da grandiosa instalação *Fontes* (1989-1992). Nesta obra, o artista subverte as convenções humanas de medição de tempo e espaço. Trens de madeira com sistema métrico decimal e de polegadas são justapostas no centro da sala, enquanto relógios de igual tamanho, porém com posicionamento e intervalos irregulares dos algarismos indicativos das horas, ocupam as paredes, com números caídos ao chão. Essa disposição cria um paradoxal agrupamento de objetos de igual tamanho e formato, mas que apresentam medidas divergentes.



*Sem título*, 2009

Foto: Divulgação

## O ARTISTA

Cildo Meireles nasceu no Rio de Janeiro, em 1948, onde vive e trabalha. Estudou com o artista peruano Félix Barrenechea em Brasília (1963) e na Escola Nacional de Belas-Artes (1968), Rio de Janeiro. Realiza sua primeira individual (1967) no Museu de Arte Moderna da Bahia. De 1971 a 1973, vive em Nova York, onde havia participado da exposição *Information*, no MOMA, em 1970. Em 1975, foi um dos fundadores da Revista *Malasartes*.

Entre outras, realiza exposições no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Brasil), 1975; Pinacoteca de São Paulo (Brasil), 1978/2006; Magiciens de la Terre, Pompidou/La Villette (França), 1989; Institut Valencià D'Art Modern – IVAM (Espanha), 1995; New Museum, NY (EUA), 1999; Institute of Contemporary Art, Boston (EUA); Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Brasil), 2000; Tate Modern em Londres (Inglaterra), 2008, posteriormente apresentada no MACBA, Barcelona (Espanha) e MUAC, Cidade do México (México), 2009. Centro de Arte Reina Sofia, Palácio de Velazquez, Madri (Espanha), 2013, posteriormente apresentada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto (Portugal) 2013-2014, Pirelli Hangar Bicocca, em Milão (Itália), 2014; National Center for Contemporary Art Cerrillos, Santiago, (Chile), 2019; SESC Pompéia, São Paulo (Brasil). Participa de várias bienais, entre as quais, Veneza (Itália) em 1976/2003/2005 e 2009; Sydney (Austrália), 1984; São

Paulo (Brasil), 1981/1998 e 2010 e Documenta de Kassel (Alemanha), 1992 e 2002.

Em 2008, recebeu o 7º Prêmio Velázquez de Artes Plásticas em reconhecimento à sua trajetória artística.

## SERVIÇO

### **Cildo Meireles: Percurso e Presença**

*Abertura:* 4 de junho, às 19h

*Encerramento:* 5 de julho

*Anita Schwartz Galeria de Arte*

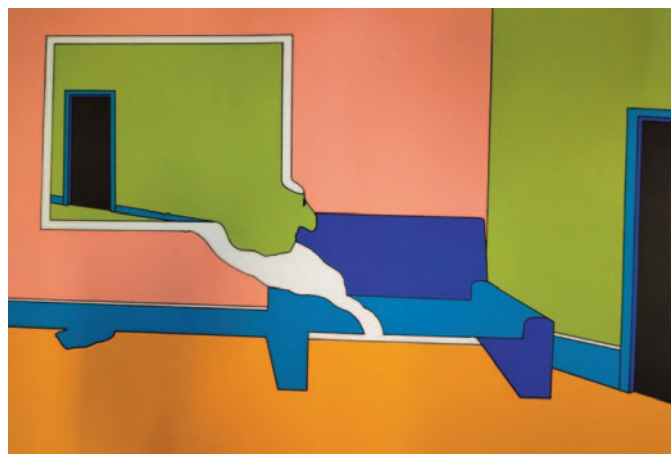
R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2540-6446 / 99603-0435

*Dias/Horários:* segunda a sexta, das 10h às 19h;

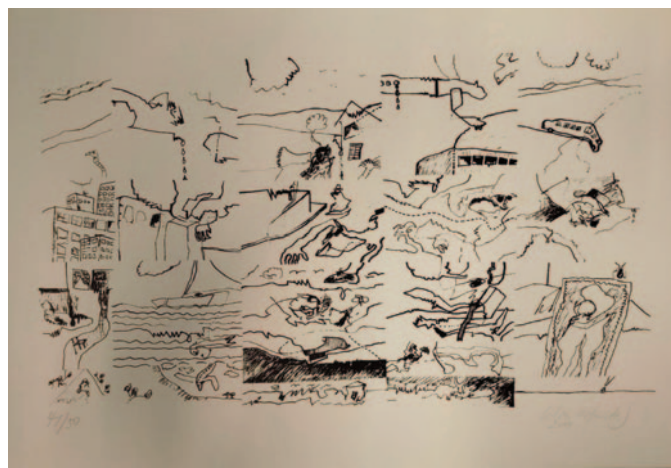
sábado, das 12h às 18h

<https://www.anitaschwartz.com.br/>



*Sem título, 2009*

Foto: Divulgação



*Sem título, 2025*

Foto: Divulgação

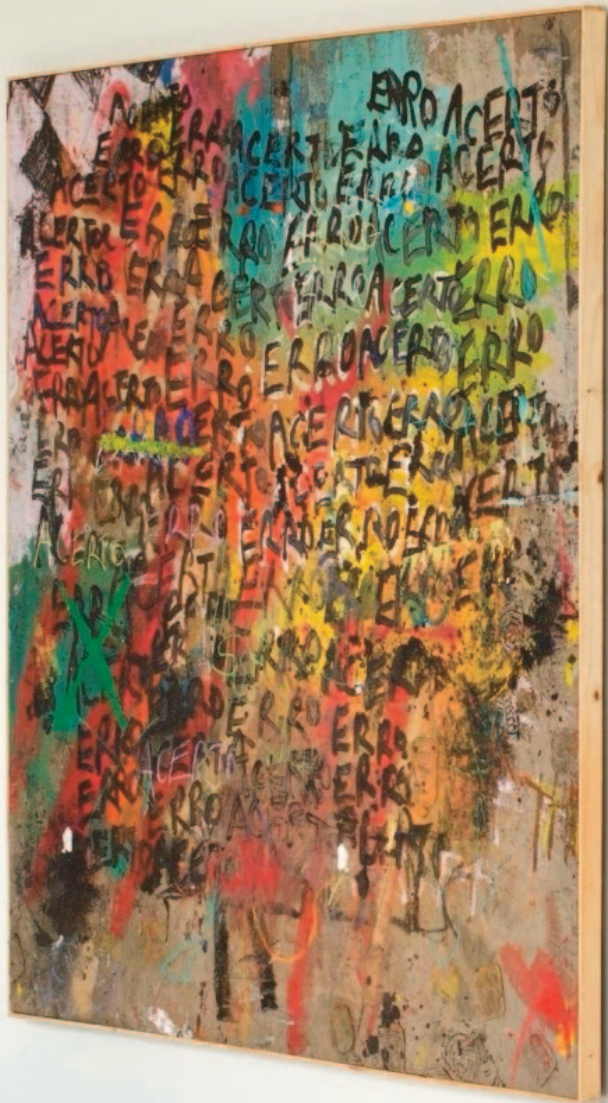


Foto: Júlia Neves

## CONTRAPESO, mostra de DOUGLAS KNESSE, no Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro

*Exposição marca os dez anos de carreira do artista carioca*



Lonas de caminhão, material reciclado e partes de quiosques desativados da orla do Rio são alguns dos materiais que viram arte nas mãos de Douglas Knesse. Em “*Contrapeso*”, no CCC RJ, o artista carioca exhibe 30 das obras produzidas nos últimos anos, além de uma instalação imersiva.

*“Sempre achei as lonas de caminhão lindas, cheias de histórias. Um dia, vi um caminhão enorme passar, parei o motorista e pedi a lona. Ali, percebi: aquela lona imperfeita, remendada, marcada por todas as rotas e tempestades que enfrentou, era exatamente o que eu procurava. Ela carregava histórias sem dizer uma palavra – assim como nós, que somos feitos dos caminhos que escolhemos, dos tombos que levamos e dos*



Fotos: Júlia Neves

*remendos que fazemos para seguir em frente”*, explica Knesse, que comemora 10 anos de carreira.

Para a curadora Daniela Avellar, a lona de caminhão reaproveitada – carregada de rugosidades, texturas e memórias – assume em “*Contrapeso*” uma presença também objetual e instalativa. Embora expressivo, o gesto de Knesse carrega uma leveza notável, como se permitisse ao material respirar. Nas pinturas realizadas sobre lona de algodão, essa espontaneidade ganha ainda mais força, revelando uma inscrição ainda mais pictórica.

*“Em meio à aparente abstração, surgem símbolos: coqueiros, ondas e outros elementos tropicais evocam cenas do cotidiano carioca. Esse dinamismo parece ori-*

entar o aparecimento das formas e a precisão cromática da pintura de Knesse. Ao mesmo tempo, revela o desejo do artista de compor com os materiais e investigar suas propriedades – aspectos fundamentais nesta exposição”, afirma a curadora.

Com obras espalhadas pelo mundo, Knesse constrói sua trajetória de forma intuitiva. Em 2021, instalou peças monumentais – algumas com mais de 8,5 metros – nas encostas das falésias da Barra do Cahy, em Cumuruxatiba, sul da Bahia, utilizando técnica mista sobre lona e juta costurada, em um diálogo intenso com a natureza. Mais recentemente, em dezembro passado, o artista desafiou os limites urbanos ao pendurar “O gosto do paraíso distante”, uma imponente obra de 9 metros em lona de algodão, sob o viaduto do Joá, na Barra da Tijuca, um gesto ousado que transformou a paisagem e convidou o olhar para o inesperado.

## DOUGLAS KNESSE

Nasceu em 1996 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Aos 18 anos realizou suas primeiras exposições no próprio atelier, em espaços independentes e até na praia. Entre as principais mostras individuais, estão “Creative Moment of Brazilian Contemporary Art”, AVA Gallery, Helsinki, Finlândia, 2015; “Entre formas e sentidos”, Solar Meninos da Luz Galeria, Rio de Janeiro, 2016; “Art without borders”, AVA gallery, Helsinki, Finlândia, 2017; “Retalhos”, QGual Ipanema, Rio de Janeiro, 2017; “Art Brazil”, Fort Lauderdale, Flórida,

2018; “O negócio da Alma”, Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, 2019; “Spiritual Flight”, 2021; “Este Art”, Reginart Collections, Punta del Este, Uruguai, 2022/2023; “Tempestas de Pequena”, Sala de Arte do Canto, São Paulo, 2023/2024; “A taste of a distant Paradise”, Cape Town Art Residency, Cape Town, South Africa, 2024.

## SERVIÇO

### “Contrapeso” – Douglas Knesse

Até 12 de julho

Centro Cultural Correios

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita



Instalação no Viaduto do Joá

Foto: Divulgação

## “NOSSAS VIDAS IMPORTAM”



Natalia Perdomo, *Fragmentados*

*Exposição de fotografias no MUHCAB, RJ, reúne registros dos movimentos antirracistas no Rio de Janeiro e propõe reflexões sobre memória, identidade e representação nas imagens*



Lucas Novello

A exposição "*Nossas Vidas Importam*" ocupa o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB) na Gamboa, no Rio de Janeiro. A potente imersão visual nos movimentos antirracistas cariocas fica em cartaz na sala Mercedes Baptista até 22 de junho. Ao reafirmar o papel da fotografia documental como instrumento de denúncia, memória e resistência, a mostra apresenta mais de 30 obras em diferentes suportes – impressões e lambe-lambes.

Além das imagens, rodas de conversa, oficinas, e apresentações musicais acontecerão durante o período da exposição, com acesso gratuito e recursos de acessibilidade. O projeto também inclui uma oficina prática de fotografia com celular, ministrada por Rodrigo Matos, ampliando o acesso à produção visual como forma de expressão e resistência.

### ENCRUZILHADAS VISUAIS

"*Nossas Vidas Importam*" parte da metáfora da encruzilhada para refletir sobre os fluxos urbanos da vida negra no Rio de Janeiro. A rua é pensada como espaço de encontro, disputa e transformação – lugar onde se vive, resiste, morre e luta. As imagens capturam a força



Rafael Daguerre

das manifestações, mas também os silêncios, os gestos e os detalhes cotidianos que compõem a trajetória de corpos racializados em movimento.

A exposição propõe, ainda, uma releitura crítica da história visual brasileira, colocando em evidência autores e olhares que por muito tempo foram invisibilizados. Ao reunir diferentes perspectivas e trajetórias, o projeto fortalece a construção de uma nova memória visual coletiva.

Com curadoria de Hiago de Farias (curador geral), Jéssica Rodrigues e Vinícius Ribeiro (curadores adjuntos), a mostra apresenta o olhar de fotógrafos negros e periféricos integrantes do Coletivo Amendoeira – grupo independente voltado à comunicação popular e contra-hegemônica, inspirado pela amendoeira, a árvore símbolo da paisagem urbana carioca.

A exposição reúne trabalhos de Alice Machado, Hiago de Farias, Lucas Novello, Rodrigo Matos e Vinícius Ribeiro – do Coletivo Amendoeira –, e dos artistas convidados Camila Vieira, Kaolin Maxakali, Natalia Perdomo, Rafael Daguerre e Ração Diniz.

## PROGRAMAÇÃO

No dia 6 de junho, das 14h às 16h – Oficina de fotografia documental com celular – uma abordagem acessível e prática direcionada ao público infanto-juvenil/escolar.

No dia 22 de junho, duas atividades: roda de conversa sobre “*Fotografia Antirracista*” – com Ratão Diniz, Thais Alvarenga e mediação de Hiago de Farias – e Pocket show com Magno Myller, cantor, compositor e percussionista.

O projeto é contemplado pelo edital Pró-Carioca, programa de fomento à cultura carioca, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Cultura.

## COLETIVO AMENDOEIRA

(<https://www.instagram.com/amendoeiracoletivo/>)

O Coletivo Amendoeira é um grupo independente formado majoritariamente por fotógrafos negros, artistas visuais e comunicadores periféricos do Rio de Janeiro. Com um trabalho centrado na fotografia documental, o grupo realiza exposições, oficinas, ações culturais e intervenções visuais que abordam temas como racismo, memória, direitos humanos e representatividade.

Vinicius Ribeiro, *Camelôs em luta, Meu aluguel importa*



## MUHCAB

(<https://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab>)

Localizado na Gamboa, região central do Rio de Janeiro, o MUHCAB (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira) é um espaço dedicado à preservação, valorização e difusão das memórias, saberes e expressões culturais das populações negras no Brasil. Inaugurado em 2021, ocupa um edifício histórico e integra o circuito da Pequena África, território importante na formação da identidade cultural afro-brasileira. O museu abriga exposições permanentes e temporárias, além de promover uma programação diversa com oficinas, rodas de conversa, apresentações artísticas e eventos educativos.

## SERVIÇO

***Nossas Vidas Importam***

Até 22 de junho

*MUHCAB – Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira  
Sala Mercedes Baptista*

Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* quarta-feira a sábado, das 10h às 17h

*Entrada:* gratuita | *Classificação:* livre

*Oficina de Fotografia com Celular:* 6 de junho, das 14h às 16h

*Encerramento:* 22 de junho

– Roda de conversa com o tema “*Fotografia Antirracista*”,  
– Pocket Show com Magno Myller

Hiago de Farias





Alice Machado



Camila Vieira



Rodrigo Matos, *Motivações*, 2024

Kaolin Maxakali



Ratão Diniz, *Turma Estrelas*



# ED ATKINS: O ARTIFÍCIO COMO CONFISSÃO

Maria Hermínia Donato



Me interesse cada vez mais pela arte digital e como ela vem redefinindo os modos de criação artística. Mais do que uma questão técnica ou de linguagem, o digital tem se mostrado um campo fértil para investigar afetos, identidades e os limites da representação.

A arte digital surgiu nas décadas de 1950 e 1960 com artistas como Frieder Nake e Harold Cohen, que usavam computadores e algoritmos para criar. Com os avanços dos anos 1980 e 1990, e a chegada da internet, ela se popularizou e passou a ser mais interativa. A partir dos anos 2000, tecnologias como realidade virtual levaram a arte digital às galerias, abrindo espaço para novas experiências.

Hoje, a arte digital reflete temas do mundo hiperconectado, como identidade virtual, vigilância e inteligência artificial. Ao combinar elementos do design, dos videogames e do cinema, ela cria linguagens visuais híbridas e imersivas, ampliando os limites da arte tradicional. Entre os artistas que mais me despertam curiosidade nesse universo está Ed Atkins, cuja obra não apenas explora as potencialidades da imagem computacional, mas tensiona, com precisão inquietante, a relação entre o artificial e o profundamente humano.

Interessada em compreender melhor o papel da arte digital no circuito contemporâneo, fui visitar a exposição *Ed Atkins* na Tate Britain.

A maior retrospectiva dedicada a Ed Atkins no Reino Unido revela a profundidade e complexidade do tra-

balho de um dos artistas britânicos mais influentes da atualidade. Combinando tecnologias digitais de ponta a um mergulho radical em emoções humanas, Atkins construiu ao longo de 15 anos uma obra onde a fragilidade do corpo e os impasses da subjetividade se entrelaçam com avatares hiper-realistas, ambientes virtuais e sons inquietantes. A exposição reúne vídeos, desenhos e pinturas que, ao lado de textos escritos pelo próprio artista, compõem um autorretrato instável, difuso, sempre no limite da falência e da reinvenção.



*Refuse.exe*, 2019

© Ed Atkins. Courtesy of the Artist, Cabinet Gallery, London, dépendance, Brussels, Galerie Isabella Bortolozzi, Berlin, and Gladstone Gallery

Ao entrar na mostra, o visitante é afrontado com a tensão que marca toda a produção de Atkins: a colisão entre o digital e o visceral. Seus primeiros vídeos, como *Death Mask II* e *Cur* (2010), já evidenciavam essa inquietação. Ali, os efeitos visuais e sonoros (cortes abruptos, ruídos intrusivos, efeitos de lente exagerados) não estão a serviço da imitação da realidade, mas da sua demolição. O que interessa a Atkins é a artificialidade como linguagem, como máscara emocional, como falha.



*Death Mask II: The Scent*, 2010

© Ed Atkins. Courtesy of the Artist, Cabinet Gallery, London, dépendance, Brussels, Galerie Isabella Bortolozzi, Berlin, and Gladstone Gallery

Nos trabalhos mais recentes, a figura humana aparece em sua forma digitalizada. Avatares masculinos (quase sempre versões do próprio artista) choram, pedem desculpas, se masturbam, afundam em buracos ou tocam piano com hesitação dolorosa, como no impactante *Pianowork 2* (2024). O pianista não é real, mas cada respiração, cada tremor das mãos e contração facial sugerem um esforço autêntico, quase patético, de comunicação. A performance, registrada via captura de movimento, torna-se um duplo espectral de Atkins, verossímil o bastante para nos afetar, artificial o suficiente para nos afastar.



A exposição é estruturada a partir de repetições e variações. Vídeos aparecem duplicados em diferentes salas ou convertidos em outros formatos. O visitante é lançado num percurso que simula o labirinto da consciência: repetição, digressão, ruído, interrupção. A sensação de déjà-vu, de desorientação, é constante e deliberada. Para Atkins, essa é uma tentativa de refletir a desordem da experiência, o caos da memória, o colapso da identidade.



*Still do longa-metragem Nurses Come and Go, But None For Me*, 2024

© © Ed Atkins and Steven Zultanski. Commissioned and produced by Hartwig Art Foundation

Perda e luto são temas que atravessam toda a exposição. A morte do pai do artista, por exemplo, reverbera em obras como o longa-metragem *Nurses Come and Go, but None for Me* (2024), onde registros hospitalares se entrelaçam a performances e textos em um

*Pianowork 2*, 2023

© Ed Atkins. Courtesy of the Artist, Cabinet Gallery, London, dépendance, Brussels, Galerie Isabella Bortolozzi, Berlin, and Gladstone Gallery

lamento visual de rara intensidade. Mas também há afeto, humor e delicadeza em desenhos feitos em Post-its colocados diariamente na lancheira da filha durante o COVID. Centenas deles, minuciosos, íntimos, absurdos, pequenos gestos de ternura e tentativa de comunicação em meio ao universo frio da imagem digital.

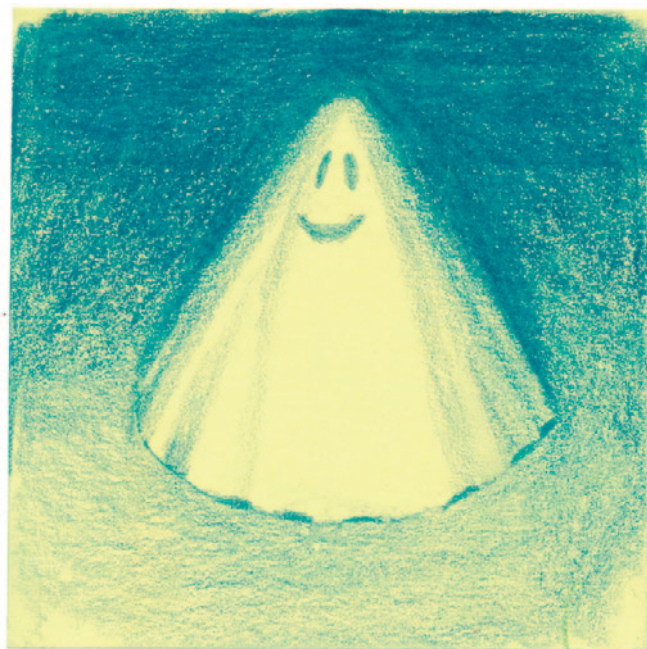
Entre CGIs, lágrimas sintéticas e performances capturadas, o que se revela é menos um comentário sobre tecnologia e mais um testemunho sobre a condição humana diante da impossibilidade de se fazer compreender. Os corpos criados por Atkins são substitutos frágeis, incapazes de falar plenamente, presos em loops de significados interrompidos. Mas é justamente nessa impotência que reside a força de sua obra – uma arte que, ao escancarar o simulacro, nos obriga a encarar aquilo que ainda nos torna humanos: a dor de sentir, a urgência de se mostrar, a impossibilidade de desaparecer.

“Ed Atkins” está em cartaz na Tate Britain, Londres, até 25 de agosto de 2025.



*Hisser*, 2015

© Ed Atkins. Installation view, Kunsthau Bregenz, Austria 19 January - 31 March 2019. Photograph by Markus Tretter. Courtesy of the Artist, Cabinet Gallery, London, dépendance, Brussels, Galerie Isabella Bortolozzi, Berlin, and Gladstone Gallery



*Children 2020, em andamento*

© Ed Atkins. Courtesy of the Artist and Cabinet Gallery, London



*Children 2020, em andamento*

© Ed Atkins. Courtesy of the Artist and Cabinet Gallery, London



## Ruído Estelar, na Nara Roesler São Paulo

Abraham Palatnik,  
Amelia Toledo,  
Artur Lescher,  
Brígida Baltar,  
Bruno Dunley,  
Cao Guimarães,  
Heinz Mack,  
Julio Le Parc,  
Laura Vinci,  
Mônica Ventura,  
Paulo Bruscky,  
Rodolpho Parigi,  
Tomás Saraceno,  
Tomie Ohtake

A exposição, com 36 obras selecionadas por Luis Pérez-Oramas, diretor artístico da galeria, e pelo Núcleo Curatorial Nara Roesler, inspira-se no conceito de “ruído das estrelas”. Identificado em 1932, por Karl Jansky, e localizado em 1974 no centro da Via Láctea (constelação Sagitário), esse ruído foi atribuído a um gigantesco buraco negro, 4,3 milhões de vezes mais massivo que o Sol e resultado de um colapso estelar. A mostra propõe uma metáfora: o universo da arte como um campo de ressonância, onde a energia que dá forma às obras está em constante transformação e se mantém sempre atual.

Para os curadores, as obras de “*Ruído Estelar*” constituem um conjunto metafórico que sugere que talvez o mundo das formas artísticas – recipientes eles próprios de energias vitais e mnemônicas – possa ser compreendido em termos de “campos” ressonantes, como a realidade que nos é revelada pela física. Esses seriam campos de “figurabilidade”, onde as formas nunca cessam de emergir, carregando dentro de si a ressonância de outras formas – consciente ou inconscientemente, passadas ou presentes, esquecidas ou inesquecíveis – em um constante exercício de tornar atual a energia figural que as constitui e que nunca cessa de se transformar, de se transfigurar.

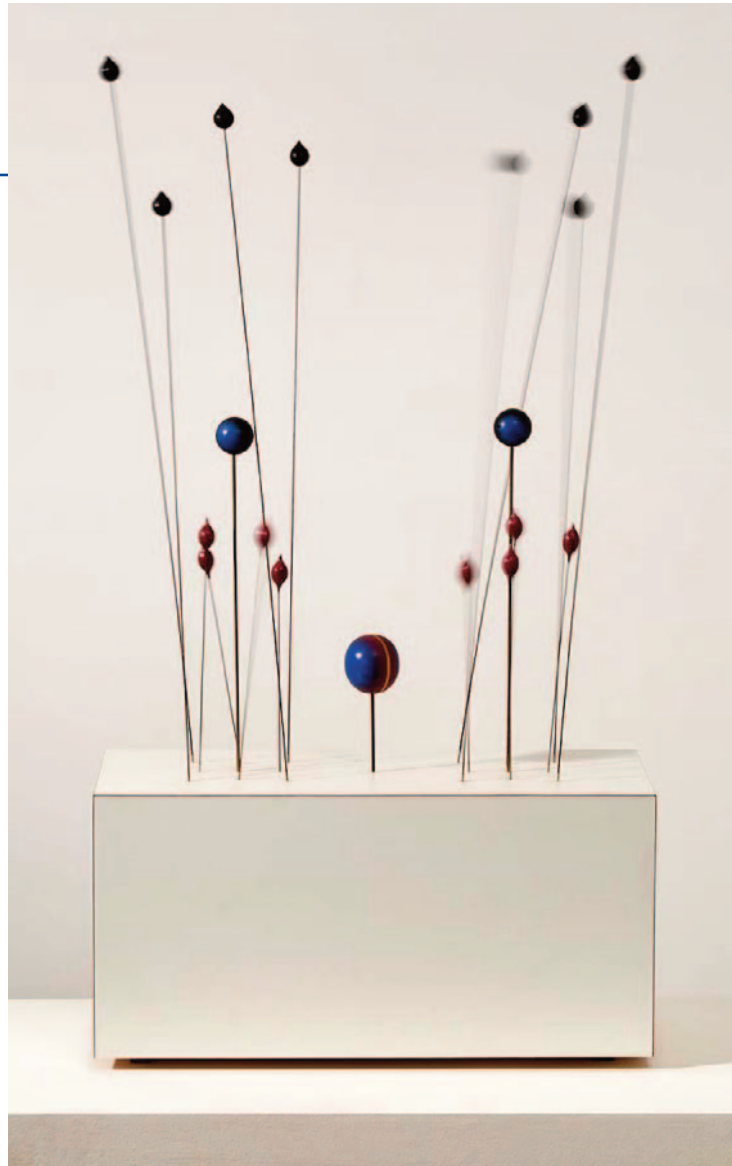
## **RUÍDO DAS ESTRELAS**

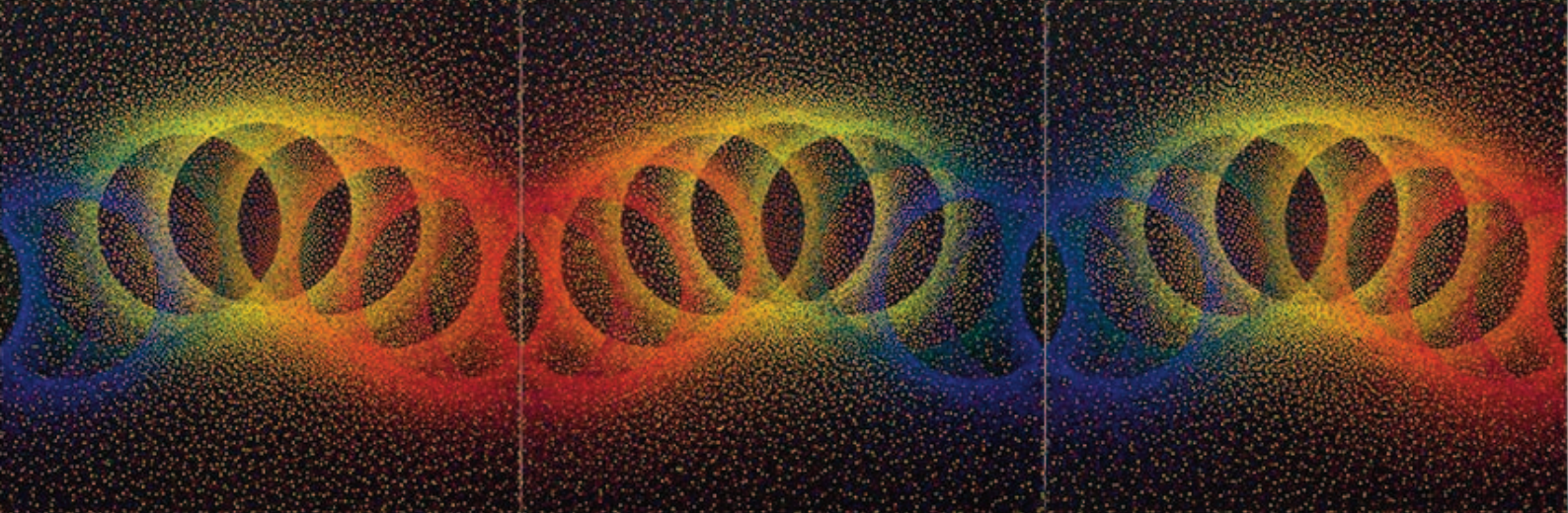
O ruído das estrelas é o leve chiado de um passado sideral, o traço deixado pelos holocaustos de origem,

Em cima: Abraham Palatnik,  
*Objeto cinético P-28*, 1971 / 2000

Embaixo: Heinz Mack,  
*Open Bronze Cube*, 2001

Fotos: Divulgação





Julio Le Parc, *Alchimie 396*, 2018

Foto: Flavio Freire

que primeiro nos alcançou através da antena de Jansky. Desde então, outras canções tênues foram registradas: ressonâncias cósmicas de fundo ou, mais recentemente, o minúsculo ruído de dois buracos negros massivos colapsando a bilhões de anos de distância – a certeza de que ondas gravitacionais existem em um espaço-tempo curvo pelo efeito de massas astrais. Mas mesmo os cientistas mais experientes não sabem o que acontece dentro de um buraco negro. Alguns pensam que tempo e espaço podem de fato se dissolver ali, perdendo toda a orientação.

A partir das obras de Laura Vinci, Abraham Palatnik, Tomás Saraceno, Tomie Ohtake, Bruno Dunley, Monica Ventura, Artur Lescher, Cao Guimarães, Paulo Bruscky, Rodolpho Parigi e Julio Le Parc, a exposição busca sugerir uma cena análoga em que as obras de arte seriam objetos que, como as antenas de Jansky, capturam ressonâncias de fundo de seus próprios campos figurais. Ou por imitarem a aparência de dispositivos técnicos (Saraceno, Vinci, Ventura, Lescher); ou por apresentarem composições semelhantes à representação e ao registro de ressonâncias cósmicas (Le Parc, Dunley, Palatnik, Ohtake, Parigi); ou por incluírem, com tons irônicos, referências a rádios e antenas de rádio (Guimarães, Bruscky).

## SERVIÇO

**“Ruído Estelar – Abraham Palatnik, Amelia Toledo, Artur Lescher, Brígida Baltar, Bruno Dunley, Cao Guimarães, Heinz Mack, Julio Le Parc, Laura Vinci, Mônica Ventura, Paulo Bruscky, Rodolpho Parigi, Tomás Saraceno e Tomie Ohtake”**

Abertura: 7 de junho, às 11h

Até 16 de agosto

Nara Roesler São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

Tel.: 55 (11) 2039-5454 | [info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita



Cao Guimarães,  
*Gambiarra # 118*,  
2015

Foto: Divulgação



World Press Photo  
2025 chega a  
CAIXA Cultural  
do Rio com  
exposição  
dos 42 projetos  
premiados

*Após a temporada carioca,  
mostra será exibida em  
São Paulo, Curitiba e Salvador*

FOTO DO ANO: Samar Abu Elouf, para o The New York Times  
*Mahmoud Ajjour, de nove anos*

Até 20 de julho, os 42 projetos vencedores do World Press Photo 2025 estarão em exposição na Caixa Cultural do Rio de Janeiro. As imagens refletem os temas mais urgentes da atualidade – política, gênero, migração, conflitos armados e a crise climática – reunindo histórias captadas por fotógrafos de 31 países. Entre os premiados estão três profissionais brasileiros, Amanda Perobelli, André Coelho e Anselmo Cunha. O país também ganhou protagonismo na lente de outros profissionais internacionais, como o mexicano Musuk Nolte, com imagens da seca na Amazônia, e Jerome Brouillet, com a foto do atleta olímpico Gabriel Medina. Após exibição no Rio, a mostra segue para São Paulo, Curitiba e Salvador.



Jerome Brouillet, Agence France-Presse – *Gabriel Medina*

Em 2025, as imagens documentam desde protestos e levantes em países como Quênia, Myanmar, Haiti, El Salvador e Geórgia, até retratos inesperados de figuras políticas nos Estados Unidos e na Alemanha. Também revelam histórias comoventes de jovens ao redor do mundo – como um homem trans de 21 anos nos Países Baixos, uma jovem ucraniana traumatizada pela guerra e uma criança palestina vivendo com amputações após bombardeios em Gaza, escolhida como a foto do ano.

Outro destaque desta edição é o impacto das mudanças climáticas em diferentes partes do mundo, com registros de desastres no Peru, Brasil e Filipinas. Há ainda um retrato potente da comunidade LGBTQIAPN+ celebrando o orgulho em um local secreto em Lagos, Nigéria, onde atos dessa natureza podem ser criminalizados. Destaque também para Tamale Safalu, o primeiro atleta com deficiência a competir com atletas não deficientes em Uganda.

Para o brasileiro Raphael Dias e Silva, curador e gerente da exposição, a organização sempre tem a intenção e a ambição de trazer as maiores temáticas das notícias

Em cima: Amanda M. Perobelli, Reuters – *série As Piores Enchentes do Brasil*; embaixo: André Coelho, EFE – *Torcida do Botafogo: Orgulho e Glória*



Marijn Fidler – *Tamale Safalu*

do mundo. Em 2025, o crescente aumento dos fluxos migratórios e os efeitos muito reais da mudança climática, são destaques com a seca na Amazônia mais uma vez sendo retratada, assim como as enchentes do Rio Grande do Sul. *“Uma nota especial nessa edição é o trabalho do brasileiro André Coelho, que retrata torcedores do Botafogo. O projeto vai além do que a gente espera da fotografia esportiva. Uma imagem que mostra como o esporte tem o poder de criar comunidade, o poder de criar esperança e felicidade, sentimentos tão necessários no mundo atual”*, ressalta Raphael.

## BRASIL

Na categoria Individual da América do Sul, Anselmo Cunha foi reconhecido pela imagem *Aeronave em Pista Inundada*, registrada durante a enchente histórica que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024. Com o mesmo tema, Amanda Perobelli venceu na categoria Reportagem com a série *As Piores Enchentes do Brasil*, que retrata os impactos das chuvas na cidade de Canoas, uma das mais afetadas pelo desastre climático. Também na categoria Individual o fotógrafo André Coelho foi premiado com a imagem *Torcida do Botafogo: Orgulho e Glória*, que mostra a comemoração dos torcedores do clube carioca após a conquista inédita da Copa Libertadores da CONMEBOL, em novembro de 2024.



Anselmo Cunha, Agence France-Presse  
*Aeronave em Pista Inundada*

O Brasil também se destacou em outros dois projetos internacionais. O mexicano Musuk Nolte retratou os efeitos socioambientais da redução do nível dos rios na região norte do país. A série *Seca no Rio Amazonas* foi uma das vencedoras na categoria Reportagem da América do Sul. Já o fotógrafo francês Jerome Brouillet, da AFP, venceu na categoria Individual da região Ásia-Pacífico e Oceania, com a imagem de grande repercussão que mostra o surfista brasileiro Gabriel Medina emergindo triunfante de uma onda em Teahupo’o, no Taiti, quando garantiu a medalha de bronze nas Olimpíadas de Paris.



Musuk Nolte, Bertha Foundation  
*Seca no Rio Amazonas*



Da esquerda para a direita: Cinzia Canneri, Association Camille Lepage – *Corpos Femininos Como Campos de Batalha*; Santiago Mesa – *Jaide*; Clarens Siffroy, Agence France-Presse – *Crise no Haiti*

## CAMPANHA FEMINICÍDIO ZERO

Durante o período de exibição no Brasil, a World Press Photo 2025 adere à campanha *Femicídio Zero* para ampliar o debate sobre violência de gênero e os desafios enfrentados por mulheres em diferentes contextos ao redor do mundo.

As histórias retratadas em diversas imagens vencedoras da mostra nesta edição, tais como *Corpos Femininos Como Campos de Batalha* (Cinzia Canneri), *Maria* (Maria Abranches), *Jaide* (Santiago Mesa), *Terra Sem Mulheres* (Kiana Hayeri) e *Crise no Haiti* (Clarens Siffroy), evidenciam como o corpo e a vida das mulheres continuam sendo alvos de opressão, controle e violência. Ao conectar essas narrativas visuais com os objetivos da campanha, a mostra convida o público a refletir sobre os direitos das mulheres, a urgência do enfrentamento ao feminicídio e o papel da arte na promoção da conscientização social.

## CONCURSO

Desde 1955, o Concurso Anual World Press Photo reconhece e celebra o melhor do fotojornalismo e da fotografia documental produzidos ao longo do último ano. A edição de 2025 adota uma estrutura regional, com seis regiões globais: África; América do Norte e Central; América do Sul; Ásia Ocidental, Central e Sul Asiático; Ásia-Pacífico e Oceania; e Europa.

As inscrições são julgadas e premiadas de acordo com a região onde as fotografias e histórias foram produzidas – e não pela nacionalidade do fotógrafo. Cada região contempla três categorias baseadas em formato: Individual (Singles), Reportagem (Stories) e Projetos de Longo Prazo (Long-Term Projects).

Em 2025, o concurso, que acontece em meio às comemorações de 70 anos da Fundação World Press Photo, realizadora da premiação, ampliou o número de fotógrafos e projetos premiados – de 33, em 2024, para 42. A exposição será apresentada em mais de 60 cidades, incluindo a estreia mundial em Amsterdã, seguida de Londres, Roma, Berlim, Viena, Budapeste, Cidade do México, Montreal, Jacarta e Sydney.

A exposição no Brasil é patrocinada pela CAIXA e pelo Governo Federal, e tem o apoio do Jornal O Globo. A organização sem fins lucrativos *Repórteres Sem Fronteiras (RSF)* é co-realizadora da programação paralela da World Press Photo.

## SERVIÇO

### **World Press Photo 2025**

Até 20 de julho

CAIXA Cultural RJ – Unidade Passeio

R. do Passeio, 38, Centro, Rio de Janeiro / RJ

(Próximo à estação Cinelândia do Metrô) | Tel.: (21) 3083-2595

Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 20h;

domingos e feriados, das 11h às 18h

Classificação etária: 12 anos

<https://www.caixacultural.gov.br/Paginas/default.aspx>

Entrada gratuita



Foto: Divulgação

## CAZUZA EXAGERADO

*Maior mostra já realizada sobre o poeta, cantor e compositor carioca estreia 12 de junho no Rio de Janeiro. Nove salas imersivas espalhadas em mais de 1.500 metros quadrados no terraço do Shopping Leblon propõem um mergulho emocionante na vida do artista*

Com inúmeros itens de um acervo pessoal preservado durante décadas por Lucinha Araújo, mãe do artista e presidente da Sociedade Viva Cazuzza, a exposição será dividida em nove salas. A curadoria é assinada por Ramon Nunes Mello, que organizou os livros *Meu Lance é Poesia* e *Protegi Teu Nome por Amor*, sobre Cazuzza; a direção artística é do Caselúdico, e a realização da mostra é da Hit Makers, empresa do Grupo 4ZERO4.

*“Cazuzza nos inspira a enxergar a vida com mais coragem, irreverência e arte”, desta-*

ca Fernando Ligório, CEO do Grupo 4ZERO4. *“Depois de tantas exposições dedicadas a grandes nomes e marcas internacionais, chegou a hora de exaltarmos um dos nossos maiores ícones, com a mesma estrutura, qualidade e experiência de uma grande exposição internacional”*, conclui Ligório.

A exposição propõe uma imersão sensorial e emocional por meio de ambientes temáticos que revisitam todas as fases da trajetória de Cazuza – da infância ao auge da fama, passando pelos anos à frente do Barão Vermelho, a carreira solo e sua atuação como cronista da geração 80. Ambientes cenográficos, recursos tecnológicos e experiências interativas criadas com inteligência artificial e hologramas completam a jornada.

Entre os destaques do acervo de itens, que em sua maioria nunca foram apresentados ao grande público, estão roupas e figurinos de palco, cartas, documentos, manuscritos de letras e poemas, objetos pessoais, desenhos e registros raros em áudio e vídeo.

Alguns documentos como um álbum do bebê Agenor, uma caderneta escolar e um diário do artista, foram replicados fielmente, para que o público possa manuseá-los. Fotos, bilhetes, lembretes, anotações e documentos pessoais recriam quase que cronologicamente toda a história da vida singular do artista.

A música, claro, dá o tom da exposição e, em vários momentos, o público poderá ouvir as canções do artista, assistir seus vídeos e acessar todas as críticas e matérias sobre Cazuza publicadas em jornais e revistas, que foram digitalizadas. As letras originais das canções

datilografadas pelo próprio artista também fazem parte da mostra. Todo o acervo foi preservado pela família e guardado pela Sociedade Viva Cazuza.



Foto: Divulgação

Outro destaque da exposição são os depoimentos de dezenas de artistas e profissionais, como Caetano Veloso, Caio Fernando Abreu, Frejat, Gilberto Gil, Ney Matogrosso e Fernanda Montenegro, entre muitos outros, cujos caminhos cruzaram com o do artista em algum momento ou cujas carreiras e vidas foram impactadas por ele.

*“Reunimos memórias, sons, imagens e emoções que estavam comigo e que agora poderão tocar novas pessoas”*, afirma Lucinha Araújo. *“É uma exposição feita com o coração, pensando em quem ama música e acredita na força da arte”* – diz a mãe do artista.

Apresentada pelo Ministério da Cultura e Bradesco, com patrocínio do Shopping Leblon e da Helloo, *Cazuza Exagerado* celebra os 40 anos de *Exagerado*, álbum que

marcou o início da carreira solo de um dos artistas mais inquietos e geniais da música brasileira.

*"Cazuza sempre foi sinônimo de ousadia e inovação e faz parte da história do Leblon. Faz todo sentido que o Shopping Leblon receba em primeira mão a exposição e abrace junto com o público essa linda homenagem a um dos maiores artistas do nosso país",* comenta Paula Magrath, gerente de marketing do Shopping Leblon.

## A EXPOSIÇÃO

As nove salas da mostra foram concebidas para criar uma narrativa visual e sonora da vida de Cazuza. Na Sala 1, intitulada **Agenor Caju**, o visitante entra em con-

tato com o ambiente familiar, os primeiros anos escolares e os encontros iniciais com o teatro e o circo – experiências que moldaram a personalidade inquieta do artista desde cedo.

Na sequência, a Sala 2, **Maior Abandonado**, mergulha nos anos iniciais da trajetória musical, destacando sua atuação como vocalista do Barão Vermelho. Registros de shows, imagens de bastidores e materiais originais dos três álbuns gravados com a banda ajudam a compor o retrato de um período de efervescência criativa e descobertas.

A fase solo é abordada na Sala 3, **Eu Sou Manchete Popular / Albuns Solo**, por meio de uma cenografia in-

Fotos: Divulgação



terativa que projeta críticas, matérias e imagens raras preservadas ao longo das décadas. A ambientação sonora e visual dá corpo à transformação de Cazuza em um artista de voz própria e presença intensa na mídia.

Momentos emblemáticos da relação do cantor com a televisão ganham destaque na Sala 4, **Viva o Chacrinha, Viva o Palhaço**. Nela, o clima irreverente de suas participações no programa do Velho Guerreiro é recriado com luzes e elementos cênicos, incluindo a presença de projeções que aproximam o artista e o apresentador do público em uma interação inesperada.

A Sala 5, **Cazuza por Toda Parte**, amplia essa dimensão midiática em um ambiente audiovisual que sincroniza trilhas e imagens em painéis e monitores. O efeito é o de um fluxo contínuo de memórias, como se o visitante transitasse pelas múltiplas camadas da presença cultural de Cazuza ao longo do tempo.

A exposição também aborda os últimos anos de vida do artista com sensibilidade. A Sala 6, **Caravana do Delírio**, recria a famosa veraneio preta com a qual Cazuza cruzava o Rio de Janeiro ao lado dos amigos. Projeções ao volante e réplicas dos álbuns de família criam uma atmosfera intimista e comovente.

Já a Sala 7, **Camarim / O Tempo Não Para**, reconstrói o camarim do último show no Canecão e propõe uma imersão no repertório do disco ao vivo que marcou sua maturidade artística. A cenografia evoca a força das

apresentações finais, revelando um artista consciente do tempo e de sua urgência.

No trecho final do percurso, a Sala 8, **Na Mídia, na Novidade Média**, traz vitrines de filmes em que teve participações e fachadas icônicas da vida carioca que eram frequentadas por Cazuza – como a Galeria Alaska e a Pizzaria Guanabara. Esses espaços são recriados com projeções de vídeos, novelas e clipes, contextualizando sua presença marcante na cultura pop nacional.

Fechando a experiência, a Sala 9, **Eu Ando Muito Bem Acompanhado**, simula um dos lugares mais frequentados por Cazuza e sua turma, o salão da icônica Pizzaria Guanabara, onde o público pode interagir com personagens reais da vida de Cazuza. Sentados nas mesas, o público escolhe o personagem com quem quer “conversar” e através de depoimentos em vídeo interage com os amigos e parceiros como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Frejat, Bebel Gilberto e Sandra de Sá, revelando camadas afetivas de sua trajetória.

- “Cada sala foi pensada  
para provocar emoção,  
como se o público caminhasse  
pelos bastidores da vida  
e da obra de Cazuza”

(Ramon Nunes Mello, curador)

A exposição também conta com uma loja oficial, onde o público poderá adquirir produtos inspirados na obra e na imagem de Cazuzo, como vinis dos álbuns *Burguesia*, *O Tempo Não Para*, *Ideologia* e *Por Lá...*, pins, camisetas, azulejos decorativos e outros itens exclusivos.

## SERVIÇO

### **Cazuza Exagerado**

A partir de 12 de junho

Terraço do Shopping Leblon

Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sábado, das 10h às 22h;

domingos e feriados, das 13h às 21h

Ingressos em: [cazuzaexposicao.com.br](http://cazuzaexposicao.com.br)

Classificação Etária: Livre

Foto: Divulgação



Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868